

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

Jéssica Ribeiro Munhoz

ENTRE O PAPEL E A TELA:

As preferências de leitura dos alunos do Curso de Biblioteconomia da UFRGS

Porto Alegre
2015

Jéssica Ribeiro Munhoz

ENTRE O PAPEL E A TELA:

As preferências de leitura dos alunos do Curso de Biblioteconomia da UFRGS

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Me. Marlise Maria Giovanaz

Porto Alegre
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice-Diretor: Prof. Dr. André Iribure Rodrigues

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof.^a Dr.^a Maria do Rocio Fontoura Teixeira

Chefe Substituto: Prof. Dr. Valdir Jose Morigi

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenador: Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Souza

Coordenador Substituto: Prof. Dr. Jackson da Silva Medeiros

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M966 Munhoz, Jéssica Ribeiro

Entre o papel e a tela: as preferências de leitura dos alunos da
Biblioteconomia da UFRGS /Jéssica Ribeiro Munhoz. -- 2015.
f.

Orientadora: Marlise Maria Giovanaz.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Suporte de Leitura. 2. Leitura. 3. História do Livro. 4. Suporte
digital. 5. Suporte impresso. I. Giovanaz, Marlise Maria II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados
fornecidos pelo (a) autor (a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO)

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705, Bairro Santana

CEP: 90.035-007- Porto Alegre

Telefone: (51) 3308-5067

E-mail: fabico@ufrgs.br

Jéssica Ribeiro Munhoz

ENTRE O PAPEL E A TELA:

As preferências de leitura dos alunos da Biblioteconomia da UFRGS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: _____ em _____ de 2015.

Banca Examinadora

Prof^a. Me. Marlise Maria Giovanaz
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
(Orientadora)

Prof^a. Me. Martha Eddy K. Kling Bonotto
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
(Examinadora)

Maria José Leivas Waquil
CRB 10/2232 - Bibliotecária
(Examinadora)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecer a minha mãe por todo amor, apoio, carinho. Mas principalmente por torcer por mim. Obrigada! Esse trabalho é dedicado para minha Vó materna, que a onde ela estiver está orgulhosa da neta.

Aos meus amigos, mas principalmente aqueles que eu fiz durante a minha passagem pela FABICO, CABAM, que foram como válvula de escape para não surtar durante esses meses de total dedicação ao TCC e que entenderam quando eu dizia "não" para sair e até aos que não entenderam. Vocês são incríveis.

Ao pessoal da Biblioteca Jornalista Alberto André pelos ensinamentos no decorrer do meu estágio.

A minha orientadora, Marlise Giovanaz, que me ajudou em todos os momentos durante esse semestre e me tranquilizava quando eu estava quase surtando. Muito Obrigada!

A professora Martha Bonotto e a profissional Maria José Leivas Waquil, por terem aceitado a participar da banca, muito obrigada!

E a todos os alunos da Biblioteconomia da UFRGS que responderam ao meu questionário para elaboração dessa pesquisa. Obrigada.

Sem mais delongas,

Obrigada a todos!

"Os livros são as drogas mais pesadas que nos amarram sem nenhum perigo de overdose. Eu sou uma vítima feliz dos livros".
(Autor desconhecido)

RESUMO

Reflete sobre os impactos do uso dos suportes digitais nas práticas de leitura dos alunos do curso de Biblioteconomia da UFRGS. No referencial teórico são apresentados os assuntos pertinentes ao livro e a sua história até o livro digital, a leitura e apontamentos sobre os suportes, impresso e digital, e o futuro. Para a coleta dos dados utiliza um instrumento de pesquisa, questionário, com questões fechadas de múltipla escolha e abertas, que foi aplicado com o auxílio da COMGRAD/BIB. Apresenta os dados obtidos através de gráficos e análises a partir do que foi obtido nos questionários respondidos. Mostra as reflexões a partir da análise das respostas. Conclui que, em pouco tempo, o livro não será substituído pelo suporte digital. Porém, outros tipos de documentos possam sim ser substituídos ou ter apenas a versão digital, principalmente, jornais e periódicos do meio acadêmico. Entende também que a preferência pelo suporte impresso ainda é massiva do que pelo suporte digital, mas isso depende do tipo de leitura em cada um dos suportes. Também foi constatado que o uso de um suporte não anula o uso do outro.

Palavras-chave: Suporte digital. Suporte impresso. Biblioteconomia. Preferências de leitura.

ABSTRACT

Reflects on the impact of the use of digital media in the reading practices of UFRGS Librarianship course students. The theoretical framework are presented matters pertaining to the book and its history to the digital book reading and notes on the media, print and digital, and the future. To collect the data using a research tool, questionnaire with closed questions of multiple choice and open, which was applied with the aid of COMGRAD / BIB. Data were collected through graphs and analysis from what was obtained in questionnaires. It shows the reflections from the analysis of the responses. It concludes that, before long, the book will not be replaced by digital media. However, other types of documents can be replaced or rather only have the digital version, mainly newspapers and periodicals academia. Also understands that the preference for hard copy is still massive than the digital format, but it depends on the type of reading in each bracket. It was also found that the use of a support does not negate the use of the other.

Keywords: Digital Support. Print. Librarianship. Reading preferences.

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|-----------|
| Gráfico 1 – Gênero dos alunos..... | 32 |
| Gráfico 2A – Idade dos Alunos..... | 33 |
| Gráfico 2B – Relação entre Idade e Sexo dos alunos..... | 33 |
| Gráfico 3 – Semestre do Curso..... | 34 |
| Gráfico 4 – Outra Graduação..... | 34 |
| Gráfico 5 – Ocupação dos alunos..... | 35 |
| Gráfico 6 – Frequência do Uso do Suporte Digital..... | 36 |
| Gráfico 7 – Frequência do Uso de Suporte Impresso..... | 36 |
| Gráfico 8 – Tempo de Leitura em Suporte Digital..... | 37 |
| Gráfico 9 – Tempo de Leitura em Suporte Impresso..... | 39 |
| Gráfico 10 – Suporte de Leitura Favorito..... | 39 |
| Gráfico 11 – Tipo de Suporte Digital usado para Leitura..... | 39 |
| Gráfico 12 – Suporte Utilizado para Leitura de Passatempo (Lazer) | 40 |
| Gráfico 13 – Suporte Utilizado para Leitura Acadêmica..... | 40 |
| Gráfico 14 – Suporte Utilizado para Leitura Informativa (Notícias) | 41 |
| Gráfico 15 – Facilidade no Uso do Suporte Digital..... | 41 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 | REFERENCIAL TEÓRICO | 14 |
| 2.1 | Breve História do Livro | 14 |
| 2.2 | Livro Digital, E-book, Livro Eletrônico | 19 |
| 2.3 | E-books X Direitos Autorais | 22 |
| 2.4 | Leitura | 23 |
| 2.5 | O Impresso e o Digital | 24 |
| 3 | METODOLOGIA | 28 |
| 3.1 | Tipo de Estudo | 28 |
| 3.2 | Sujeitos do Estudo | 28 |
| 3.3 | Instrumento de Pesquisa para Coleta de Dados | 29 |
| 3.4 | Procedimento de Coleta de Dados | 30 |
| 3.5 | Tratamento de Dados | 31 |
| 3.6 | Limitações do Estudo | 31 |
| 4 | ANÁLISE DAS QUESTÕES FECHADAS | 32 |
| 4.1 | Perfil dos alunos | 32 |
| 4.2 | Frequência de leitura no suporte digital e no impresso | 35 |
| 4.3 | Suporte Impresso <i>versus</i> Suporte Digital | 38 |
| 5 | ANÁLISES DAS QUESTÕES DISSERTATIVAS | 42 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 46 |
| | REFERÊNCIAS | 49 |
| | APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE PESQUISA – QUESTIONÁRIO | 52 |

1 INTRODUÇÃO

A era digital está aí e não podemos negá-la. Estamos envolvidos pela tecnologia, por suas mudanças e facilidades em nosso cotidiano, que afetam desde situações simples às mais complexas. Podemos tomar como exemplo o caso do sistema postal, o correio. Antigamente, escrevíamos cartas ou telegramas, que levavam dias ou até meses para chegar aos destinatários. Com o avanço tecnológico, hoje enviamos e-mails, que chegam instantaneamente.

A tecnologia trouxe receios, o novo passou a ser instrumento seletivo que torna obsoletos todos que não souberem se adaptar às novidades. Tememos ser deixados para trás, nos tornarmos atrasados.

Nos últimos tempos, submergimos em uma polêmica sobre a substituição do livro impresso pelos aparelhos de leitura digitais, como os computadores, os *tablets*, os *e-readers* e os celulares (*smartphones*). Mas não podemos afirmar que um aparelho novo substituirá de maneira rápida o livro, estrutura que permanece entre nós há muitos séculos e que também já sofreu muitas evoluções, mas continua presente em nossas vidas.

Discussões similares ocorreram também quando a televisão e o celular surgiram. Muitos falavam que ela substituiria o rádio, o teatro e o cinema. E o celular tomaria o lugar do telefone fixo. Com isso, é normal que com os suportes digitais de leitura sejam elencadas a estas discussões, já que nossa tendência de temer ao novo é um instinto.

Estas foram as indagações que me levaram a investigar: “Como a tecnologia aplicada aos suportes de leitura tem influenciado a leitura? ”. A importância da leitura é um assunto constante, pois é por meio desta que algumas das características essenciais do ser humano são desenvolvidas. Através do hábito de ler, as pessoas criam suas aptidões, desenvolvem a criatividade, a imaginação, o senso crítico e a coesão ao falar e escrever. Como consequência, adquirirão também conhecimento e informação, resultando em um cidadão bem informado, culto e atuante na sociedade.

Recentemente, foi publicada uma pesquisa realizada pelo *National Reading Campaign*¹, com dados do Canadá sobre a leitura. A pesquisa mostra que ler por apenas seis minutos ao dia traz benefícios, pois nesse curto período de tempo ocorre

¹ Disponível em: < <http://www.nationalreadingcampaign.ca/>>. Acesso em: 14 de jan 2015.

em nosso corpo diminuição do estresse, redução dos batimentos cardíacos e até influência na renda das pessoas. O estudo também faz comparações com outras atividades cotidianas de relaxamento, e afirma que a leitura ainda é superior. Por exemplo, a leitura é 68% mais eficaz do que escutar música.

Com o avanço da tecnologia, a utilização do livro impresso está sendo questionada, pois há um grande uso não só do computador, mas também de celulares, *tablets* e e-readers para realizar diversos tipos de leitura. Este fato faz com que muitos acreditem na extinção do livro. Levando em conta que estes suportes podem e devem existir simultaneamente, entro nas questões centrais: a favor *versus* contra a extinção do livro de papel, recepção dos suportes digitais atuais, e favoritismo entre os tipos de suportes citados nesta pesquisa.

O objetivo geral desta pesquisa é refletir sobre os impactos do uso dos suportes digitais nas práticas de leitura aos alunos da Biblioteconomia da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Para fundamentar o objetivo geral, que aprimoramos a partir dos seguintes objetivos específicos: a) traçar uma trajetória histórica do uso da tecnologia na leitura; b) estabelecer o perfil do aluno/leitor do curso; c) verificar qual o suporte, nas suas diversas tecnologias, é o mais utilizado pelos sujeitos da pesquisa; d) identificar o suporte favorito dos alunos da graduação em Biblioteconomia; e) analisar a opinião dos alunos sobre a sobrevivência do suporte impresso em relação ao suporte digital. Para uma melhor compreensão desta pesquisa foram usados termos que norteiam a elaboração dela. Abaixo seguem as definições e os seus conceitos mais adequados à proposta metodológica da pesquisa.

- a) Suporte de leitura: Neste estudo significa a preferência pelo impresso ou pelo digital e qual entre esses dois suportes é o mais utilizado. Os suportes digitais são computador, celular (*smartphone*), *tablet's* e *e-readers*. Para o suporte impresso são considerados os livros (literários e acadêmicos) e os textos acadêmicos retirados para cópias de periódicos ou capítulos de livros acadêmicos;
- b) Tipos de leitura: Especialmente nesta pesquisa consiste em saber em qual o suporte os alunos/leitores realizam suas leituras por passatempo, para estudo (leitura acadêmica) e para se manter informado (notícias);

- c) Livro eletrônico: os termos, livro eletrônico, livro digital, *e-book* serão sinônimos neste trabalho. Sendo que *e-book* será usado com a grafia em itálico por ser uma palavra da Língua Inglesa. Também não esquecendo que *e-reader*, é o aparelho, e o *e-book* é o documento que é lido no *e-reader*.

Para a aplicação da pesquisa foram escolhidos os alunos de graduação em Biblioteconomia da UFRGS de todos os semestres, em virtude de não haver um estudo com as opiniões sobre o futuro de um dos principais itens de trabalho dos próximos bibliotecários, o livro; da utilização e preferência entre os suportes, impresso e digital, dos estudantes para efetuar suas leituras sejam elas um passatempo, de cunho acadêmico e a voltada para notícias.

A fundamentação do referencial teórico é apresentada em cinco seções, que tratam sobre a história do livro; o livro digital, seus diversos nomes e definições; como anda a relação do livro digital com os direitos autorais; breve capítulo sobre a leitura, suas definições, sua importância; e por último o que é possível se esperar para o futuro do livro. Após, vem a metodologia utilizada na pesquisa, apresentando o tipo, os sujeitos, o instrumento para coleta dos dados, procedimentos da aplicação do instrumento, o tratamento realizado nos dados obtidos e as limitações que ocorreram no decorrer da pesquisa. No final, dois capítulos (um capítulo separado do outro) com a apresentação e análise dos gráficos referentes aos dados quantitativos e análise das questões dissertativas. E finalizando, as considerações finais sobre as conclusões feitas a partir das análises feitas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Seção voltada para mostrar o embasamento teórico aos assuntos pertinentes ao estudo realizado e, assim, contribuindo para a credibilidade do mesmo.

2.1 Breve História do Livro²

O suporte impresso com cadernos de papel, que conhecemos hoje como livro, percorreu um longo caminho. Tudo começou na Mesopotâmia, com as tabuletas de argila, passando pelos papiros do Egito, os pergaminhos de Oriente Médio, o papel de trapo de seda e de algodão, na China, até chegar a todo o continente europeu na forma do papel de celulose, os livros manuscritos e, finalmente, a criação da tipografia (imprensa) por Gutenberg. Nos últimos anos, teve início a utilização de suportes tecnológicos como os *tablets*, *e-readers*, computadores e celulares (*smartphones*).

Um dos primeiros suportes de escrita e, conseqüentemente de leitura, foi a argila e, segundo Campos (1994, p.23), “[. . .] eram feitas inscrições em vasos e óstracos [. . .]”, que surgiram na Mesopotâmia por volta do milênio IV em formato de tabuletas e com a escrita cuneiforme. Assim:

Primitivamente ideográfica, a escrita daqueles mesopotâmicos das cidades-Estados de Ur, Larsa e Acad, entre outras, evoluiu para uma escrita fonética silábica, contando, no auge do seu aperfeiçoamento com quatrocentos a quinhentos sinais. (CAMPOS, 1994, p.20).

De acordo com Campos (1994), as tabuletas serviram ao comércio para realização de contratos, recibos, notas e listas de propriedade de sacos de grãos, além de serem usadas como correspondência.

É certo dizer que as tabuletas de argila, assim como o Código de Hamurabi e a Epopeia de Gilgamesh, são os ancestrais mais longínquos dos livros de hoje.

As tabuletas com escritos cuneiformes mais antigos e ilustres, que sobrevivem até hoje, relatadas por Campos (1994) são: o Código de Hamurabi, diorito de rocha que reúne as leis do Rei da Babilônia entre os anos de 1790 a 1750 a. C., e,

² Capítulo homônimo ao livro: Campos, Arnaldo. Breve história do livro. Porto Alegre: Mercado Aberto: Instituto Estadual do Livro, 1994.

atualmente é exibido no Museu do Louvre, em Paris; e A Epopéia de Gilgamesh, que é considerada por muitos a obra literária épica mais antiga da história. De acordo com Campos, (1994) as suas doze tabuletas estão expostas no Museu Britânico, na capital inglesa. Porém, esta obra apresenta-se incompleta. Não existem muitas informações sobre outras práticas de leitura da época, período em que a escrita estava reservada à elite governamental e à burocracia. Além disso, as tabuletas de argila eram muito frágeis e pesadas.

Após as tabuletas de argila, o suporte que surgiu no milênio III a.C. no Egito foi o papiro, produzido às margens do Rio Nilo. O que é relatado por Campos (1994, p.42) sobre o uso do papiro é que “[. . .] os egípcios tenham sido os primeiros a usar o papiro como suporte de escrita. ”. Era preparado em rolo, denominado de *volumen* e *kylindros*, usado somente de um lado e escrito em colunas. Em comparação às tabuletas, era considerado como um grande avanço por ser flexível e leve, facilitando a escrita, a leitura e o transporte. Por outro lado, não era possível realizar anotações junto à leitura, já que enrolava de um lado e desenrolava de outro. Além disso, era frágil, pois não tolerava o fogo e nem a umidade. A principal obra em papiro é o Livro dos Mortos, conjunto de textos fúnebres da alta sociedade egípcia. Hoje, partes destes livros encontram-se guardados em Museus por todo mundo.

Em seguida, veio o pergaminho, utilizado pelos habitantes do Oriente Próximo e em Pérgamo sua preparação foi melhorada, a partir de uma suposta proibição da exportação do papiro do Egito para a cidade (Prou³, 1910 *apud* MARTINS, 2001 p. 65). Essa versão da história foi aceita por algum tempo pelos historiadores, mas hoje é muito questionada. A manufatura do pergaminho, segundo Campos (1994, p.69) é realizada através da parte intermediária da pele de animais - a derme -, principalmente com a pele de determinados mamíferos como ovelha, cabra, cordeiro e carneiro. O pergaminho de alta qualidade era nomeado em latim de *vellum* ou papel velino, preparado da pele de carneiro mortos ao nascer.

O único suporte de escrita derivado do reino animal e do sacrifício de animais foi o pergaminho, que tinha muitas vantagens em relação ao suporte egípcio, como ser mais macio e claro, o que ajudava na hora da escrita, inserção de ilustrações, iluminuras, numeração das páginas e a viabilidade de escrever nos dois lados. Outras vantagens que se destacam são: resistência, durabilidade, flexibilidade e simples

³ PROU, Maurice. **Manuel de paléographie**. 3.ed. Paris: Alphonse Picard et Fils, 1910.

manuseio. Com o pergaminho se iniciou o formato de códice, como o livro é conhecido hoje, não mais utilizando os rolos semelhantes aos do papiro. O pergaminho foi usado por mais de 20 séculos.

Na China, por volta de 105 d.C. surgiu o papel, que mais tarde se tornaria o suporte mais comum de escrita e leitura. Dizem as fontes que foi inventado pelo chinês Tsai Lun com a finalidade de substituir o bambu, que tinha um preço elevado. Feito, essencialmente, a partir das sobras de seda, a manufatura do papel ficou sob poder dos chineses por seiscentos anos, sendo inserido na Europa pelos os árabes depois da batalha de Samarcanda. Em troca de liberdade ou através de tortura, os chineses revelaram como fabricar o papel. Só na metade do século XII este chega à Europa, introduzido via Espanha, naquele momento ocupada pelos árabes. “O processo usado pelos europeus para conseguir o seu primeiro papel era, em linhas gerais, o mesmo dos chineses, mil anos antes.” (CAMPOS, 1994, p.77). Entretanto, o papel demorou a se alastrar pela Europa devido a motivos sociais, visto a pouca circulação de escritos no período, ao analfabetismo amplo e pela Igreja rejeitar o novo suporte.

Para Martins (1998) a origem do papel revelou o principal sujeito para a história do livro:

É tão grande o seu predomínio que ele começa por usurpar o nome do seu predecessor e deseja substituí-lo não somente na evolução histórica, mas também na memória dos homens: com efeito, papel vem, etimologicamente, de papiro, que era *papyrus* em latim e *papuros* em grego. Mas, ainda uma vez, o nome poucas relações tem com a coisa, e o papel do Egito, tão caro aos escribas ancestrais, foi derrotada por completo quando o papel se tornou conhecido no Ocidente. (MARTINS, 1998, p. 111)

Atualmente, a fabricação do papel é um processo similar ao do seu surgimento. A diferença fundamental é que hoje não se utilizam mais trapos de seda, mas sim fibras de celulose, retiradas da madeira de eucalipto e pinheiro e sua produção é totalmente industrializada, enquanto no século XVIII a produção era predominantemente manual.

Durante a transição do papiro e do pergaminho para o papel e antes do surgimento da imprensa, ocorreu a principal modificação na história do livro: o rolo é substituído pelo códice. Como explica McMurtrie (1997, p. 95), “[. . .] as folhas, em vez de serem coladas pelas extremidades e depois enroladas dobravam-se para formar

duas coleções ou grupos destas folhas dobradas e ligavam-se pelos vincos. ” O códice foi o avanço dos rolos, o mesmo acontece com o formato atual dos livros impressos que podemos chamar de modernização do códice ou como afirma Machado (1994, p.204) “A verdade é que o livro impresso adotou para si o formato do códice e esse modelo plantou raízes tão fundas em nossa cultura que hoje se torna difícil pensar o livro como algo diferente. Mas ele pode ser diferente, como já foi em outros tempos e pode voltar a sê-lo agora. ” Assim, podemos pensar que o livro digital é um avanço ao formato atual do livro impresso ou que o códice é o ancestral do livro que temos hoje.

Por volta do ano de 1400, nasce aquele que é considerado o criador daquilo que transformaria a história do livro, a tipografia – imprensa – no Ocidente. Johann Gutenberg nasce na cidade de Mogúncia, província da atual Alemanha. Porém, segundo Campos (1994, p.175) os registros tipográficos iniciais são da cidade de Estrasburgo, local escolhido por ele e por sua família para se exilarem devido a rixas políticas. Esses registros encontrados foram atas processuais mostrando que Gutenberg estava sendo submetido a um processo judicial por um ex-sócio e onde existiam menções a uma prensa, chumbo e matrizes, alguns utensílios ligados a impressão. Quando regressou a sua cidade natal, sete anos depois, voltou a realizar atividades relacionadas à tipografia.

Mesmo que o nome de Gutenberg esteja ligado como o inventor da tipografia, imprensa, isso já foi questionado, conforme explica Martins:

Como todas as grandes invenções, a da tipografia “estava no ar” no momento em que ocorreu, e ainda como todas as grandes invenções, ela resulta mais do aperfeiçoamento gradativo de processos rudimentares e de uma ideia inicial do que, propriamente, de um ato consciente que a fizesse do primeiro golpe o que ela se tornou. (MARTINS, 2001, p. 141)

É válido lembrar que antes de Gutenberg, os chineses já haviam inventado a imprensa, mas não há registros de como ou por quem. Segundo Campos (1994, p. 77) o documento mais antigo relativo à impressão tabular chinesa é um decreto imperial do ano 593 d. C, mas o livro mais antigo feito pela imprensa chinesa é o Sutra diamante, datado de 868 d.C., o qual acredita-se ter sido impresso por Wang Chien e que foi descoberto “[. . .] em uma sala das Cavernas dos Mil Budas, em Tung-Huang, no extremo-orientes chinês. ” (CAMPOS, 1994, p.77). Além disso, outro invento importante para a história do livro são os tipos móveis, que também foram criados por

um ferreiro chinês, Pi Sheng. Os primeiros tipos eram de argila cozida, colocados em um quadro e base de ferro, que quando ajustados, tornavam a impressão mais rápida, com tiragem de milhares de cópias. Alguns anos mais tarde os tipos móveis chineses eram preparados de madeira e de estanho, conseguindo-se criar, certos momentos, palavras completas ao invés de letras.

Entre as invenções dos tipos móveis e da tipografia pelos chineses até imprensa manual que Gutenberg inventou, que reunia os tipos móveis, a tinta e a prensa, passaram-se três séculos. Esse é um dos motivos, segundo Campos (1994) pelos quais muitos estudiosos questionam se foi realmente Gutenberg o inventor da tipografia.

A difusão da imprensa pela Europa ocorreu por causa de conflitos políticos. Campos (1994, p.177) explica que a “guerra dos bispos” foi provocada após os saques ao arcebispo da cidade de Mogúncia. Dessa forma, levando a imprensa a se expandir em todo o território europeu.

Após Gutenberg, os responsáveis pela imprensa surgiram espalhados pela Europa, e o que obteve mais destaque foi Aldo Manúcio, que inovou a imprensa para que as suas cópias de livros chegassem a mais leitores. Ele realizou a impressão de livros em um formato menor, do tamanho in-8º. Com isso, traria mais facilidade para o manuseio do livro e teria um preço mais acessível para os leitores.

Sem o surgimento da imprensa grandes acontecimentos da história poderiam não ter se propagado, como é o caso do Humanismo, das Reformas Religiosas e dos pensamentos científicos. A imprensa multiplicou vários textos e colocou-os em circulação, tornou-os mais baratos e, de certa forma, mais acessíveis, permitindo que mais obras fossem feitas e chegassem para cada leitor individualmente.

Nos últimos anos, principalmente com o surgimento da internet, o livro vem sofrendo as consequências dos avanços tecnológicos. Dessa forma, surgiram novas formas e suportes de leitura, como os computadores, os *e-readers*, *tablets* e *smartphones*. Assim, é possível carregar uma biblioteca inteira na bolsa ou na palma da mão.

2. 2 Livro Digital, *E-book*, Livro Eletrônico

O livro modificou-se das tabuletas ao livro digital. Recriou-se várias vezes no decorrer dos séculos, atravessando um longo caminho até a era digital. Seguindo junto com a evolução do homem e do aparecimento das novas tecnologias, onde a sua produção do livro mudou, causando as publicações digitais e requerendo muitas adequações aos seus novos formatos.

O surgimento do livro digital só aconteceu no final do século XX. Aos poucos, com o aumento da capacidade de armazenamento dos suportes, foi possível carregar um grande número de obras em um único disco. Além disso, no formato eletrônico, pode-se fazer anotações, sublinhar partes importantes do texto, entre outras funcionalidades. De acordo com Horellou-Lafarge e Segré (2010, p.32):

O livro eletrônico guardará na memória não somente a obra original, mas também as anotações do leitor. Este ainda terá de usufruir da capacidade de armazenagem do computador, aproveitando-se ao mesmo tempo da facilidade de manuseio do livro.

A etimologia da palavra *e-book*, conforme Paiva (2010, p.84) é “[. . .] abreviação em inglês de *eletronic book*, [. . .] que pode ser lido em equipamentos eletrônicos tais como computadores, PDAs ou até mesmo em celulares que suportam esse recurso.”. Por existir essa vasta terminologia para o livro digital, que segundo Furtado (2006, p.42) pode ser “[...] edição on-line, edição digital, documento eletrônico ou digital, livro digital, livro virtual, e-books, livro desmaterializado.” De maneira mais simples, é um livro no formato digital e que tem a sua distribuição de maneira eletrônica. Sua leitura é realizada através de equipamentos eletrônicos, como: computadores, *e-readers*, *tablets*⁴ e os *smartphones*⁵.

Percebe-se assim, que é necessário utilizar determinados equipamentos digitais para a leitura no formato digital. Para Santos (2010, p.23): “Conceitua-se, desta forma, o suporte eletrônico como um componente físico capaz de reproduzir informações virtuais/digitais através do processamento de dados [. . .]”, e ainda

⁴ É semelhante ao e-reader, porém com funções similares às do computador. Com conexão à internet sem fio (Wi-Fi).

⁵ Os celulares inteligentes, que conseguem se conectar à internet. Com sistemas operacionais de funções similares aos computadores. Os principais são o iOS, da Apple e o Android, da Google.

completa, “[. . .] os suportes eletrônicos são o instrumento físico capaz de reproduzir a imagem das palavras, através do monitor do computador, do *display* do celular ou do *smartphone* e, mais recentemente, dos *e-readers* que propiciam a visualização da escrita.” (SANTOS, 2010, p.24).

Semelhante à sua variada terminologia, o livro digital também tem diversas definições, como a proposta por Neiber (2003, p.2) sobre as formas do livro digital:

[. . .] que têm a forma de um livro tradicional, e podem ser carregados através da internet. Eles contêm de 4000 a 2 milhões de páginas, e são tão facilmente manuseados e lidos como um livro. Seus usuários podem gravar muitas obras ao mesmo tempo, e ter sempre consigo uma biblioteca inteira, na forma de um único livro.

Outra definição para livro digital, compreendida por Gama Ramírez (2006, p.2):

[...] se refere a uma publicação digital não periódica, quer dizer, que se completa em um único volume ou em um número predeterminado de volumes e que pode conter textos, gráficos, imagens estáticas e em movimento, assim como sons. Também se nota que é uma obra expressa em várias mídias armazenadas em um sistema de computação. Em suma, o livro eletrônico se explica como uma coleção estruturada de bits que pode ser transportada e visualizada em diferentes dispositivos de computação. (Tradução da autora).

Também existe a definição de Procópio (2010), segundo o qual, é o objeto que tem a literatura trabalhada no formato digital, cujo conteúdo é publicado e acessado eletronicamente. Representa a versão digital de um livro em papel.

Assim como qualquer objeto, o livro digital tem suas vantagens e desvantagens. Uma das principais vantagens dele é a sua capacidade de busca pertinente a ele, possibilitando a pesquisa por palavras e em pouco tempo o resultado ser alcançado. Além do mais, “O novo suporte [. . .] permite usos, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais livres do que qualquer uma das formas antigas do livro.” (CHARTIER, 1998, p.88).

Entre as vantagens, estão: a sua portabilidade, podendo ser carregado a partir do seu pouco peso, aproximadamente, 200 gramas; economia no espaço físico, substituindo o grande volume das folhas dos livros impressos e, assim tendo uma biblioteca portátil; e a um preço mais acessível, já que não precisa de terceiros para

sua publicação e distribuição. A respeito das vantagens disponibilizadas pelo livro digital, Chartier (2004, p. 3) afirma que:

[. . .] pode dar a realidade aos sonhos, sempre inacabados, de totalização do saber que o precedeu. Tal como a biblioteca de Alexandria, ele promete a universal disponibilidade de todos os textos escritos, de todos os livros publicados. Como a prática de lugares comuns à Renascença, ele chama a colaboração do leitor que pode, a partir de agora, escrever no próprio livro, portanto, na biblioteca sem muro da escrita eletrônica.

Outras vantagens do livro eletrônico são: poderem ser lidos com baixa luminosidade; a produção ecologicamente correta, pois não utiliza o papel; e dar a oportunidade às pessoas com alguma deficiência, auditiva ou visual, para que possam ter acesso à leitura de grandes obras da humanidade com os *audiobooks*.

As vantagens estão diretamente ligadas aos e-readers, pois eles foram criados para isso e, segundo Oliveira (2013, p. 43) tiveram “tecnologias desenvolvidas para dar conforto e praticidade à leitura digital.”

Por outro lado, as desvantagens também são muitas, por exemplo, para se ler um livro digital depende-se de um dispositivo físico e de um software. Esses dispositivos necessitam de um cuidado a mais que o papel, pois a tela pode arranhar, causando problemas na hora de ler. Além disso, há dispositivos que não aceitam todos os formatos de arquivos.

Os livros digitais estão disponíveis em diversos formatos diferentes, que podem ser:

- a) ePUB (abreviação do inglês para Electronic Publication - Publicação Eletrônica).
- b) doc (abreviação de documento do inglês “*document*”); odt (Open Document Text, em uma tradução nossa Documento de Formato Aberto de Texto);
- c) lit⁶ (Liver infusion tryptose sem tradução);
- d) opf (são desenvolvidos para aparelhos associados ao Flip Album File);
- e) Pdf (abreviação de Portable Document Format, Formato Portátil de Documento – tradução nossa);
- f) txt (extensão de texto mais fácil aberto por qualquer programa que lê texto).

⁶ Formato de arquivo para eBook ideal para Microsoft e legível com Microsoft Reader. Disponível em: <<http://it.wikipedia.org/wiki/LIT>>. Acesso em: 25 maio 2015. Tradução nossa.

Para a realização da leitura, são necessários programas compatíveis com cada formato. Conde e Mesquita (2008, p.3) agregam ainda mais sobre o *e-book* “[. . .] *eletronic books* são publicações digitais ou livros eletrônicos e estão disponíveis na *web* em vários formatos que podem ser descarregados para o computador através de *downloads*. ”

2.3 *E-books* X Direitos Autorais

Outra questão importante, que restringe a popularização dos *e-books*, principalmente no Brasil, é a dos direitos autorais. Este problema existe desde o início da imprensa, pois se considerava contra lei qualquer prejuízo contra o autor e à propriedade intelectual. Segundo Lange (1996, p.11), “Dentro deste ramo inovativo da ciência jurídica emerge o Direito do Autor como resposta às reivindicações de criadores de obras intelectuais [. . .]”.

Entretanto, o direito do autor levou 300 anos para começar a se impor. A primeira lei referente a isso surgiu em 10 de abril de 1710 na Inglaterra, segundo a qual o autor tinha exclusividade para impressão e reimpressão de sua obra. A partir daí contavam-se 21 anos para reimpressão e 14 anos para impressão de títulos inéditos, renováveis por mais 14 anos conforme a vontade do autor.

Nos anos seguintes, várias convenções internacionais discutiram sobre os direitos autorais. Lange diz que:

[. . .] através das Organizações Internacionais, como – Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI) – e outros tratados e convenções, a tendência é de se uniformizar a legislação internacional de Direito do Autor e Direitos Conexos. (1996, p.16)

Com o avanço das tecnologias, a produção intelectual também sofreu um grande impacto, dificultando o controle dos direitos autorais. Assim, houve a necessidade de uma revisão na lei do Direito do Autor, para adaptá-la à nova realidade. Além disso, as obras digitais possibilitam o uso de outros recursos como som, animação e *links*.

Na legislação brasileira, no que se refere a direitos autorais, o Art.º 5 considera que publicação é: “[. . .] o oferecimento de obra literária, artística ou científica ao

conhecimento do público, com o consentimento do autor, ou de qualquer titular de direito do autor.” (BRASIL,1998, documento eletrônico não paginado).

Porém, a lei não determina como o direito do autor será garantido no meio digital, sabe-se apenas que este controle é muito difícil de ser realizado, ou seja, a pirataria ainda é muito comum nestes casos.

2.4 Leitura

A palavra leitura, segundo o Dicionário Michaelis (2008, p. 516) é derivada do Latim, “*lectura*” que significa “eleição, escolha, leitura”. Para Chartier (1999, p.77) a leitura “[. . .] é sempre apropriação, invenção, produção de significados.” Ou seja, é a compreensão de símbolos e signos para que uma informação tenha sentido ao ser transmitida.

De acordo com Brandão e Micheletti (2002, p. 9), o processo de leitura ou o ato de ler tem o seguinte conceito:

É um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de intelecção de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação de palavras. O ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva.

Outro significado para leitura, encontrado no Dicionário Houaiss de (2009, p.1167) é:

1.Ação ou efeito de ler. 2. Ato de aprender o conteúdo de um texto escrito.3. Ato de ler em voz alta. 4.Hábito de ler.5.O que se lê. 6. Conjunto de obras lidas. 7. *Fig.* Maneira de compreender, de interpretar um texto, uma mensagem, um acontecimento. 8. Ato de decifrar qualquer notação; o resultado desse ato. 9. FÍS. Registro do valor de uma grandeza obtido com um instrumento de medida. 10. TÉC. Decodificação, obtenção de dados de um dispositivo de memória, de um meio de armazenamento ou de outra fonte.

Assim, podemos perceber que a leitura é a maneira como interpretamos um conjunto de ideias e de informações nos mais variados meios, seja num livro, notícia ou evento. Essas interpretações são pessoais e mudam conforme o indivíduo.

Conforme Chartier (1999, p.105) a leitura propicia “[. . .] uma entrada em um mundo diferente.”

A leitura é um hábito que vem se mantendo e se reforçando dentro da realidade dinâmica do mundo contemporâneo, além de ter se adequadado às transformações tecnológicas características deste período. Não podemos negar que ela se transformou e vem modificando civilizações inteiras desde a antiguidade, até chegar aos livros digitais.

No princípio, a leitura era uma atividade pública, já que a maior parte da população era analfabeta. Assim, os textos eram lidos em voz alta, mas tratava-se de um exercício complicado, pois as letras estavam coladas umas nas outras. Com o surgimento da pontuação e das letras maiúsculas, o trabalho dos leitores foi facilitado. Foram os monges a partir do século IX que descolaram as palavras, indicando quando era preciso elevar ou baixar a voz. Em seguida, surgiram os parágrafos, facilitando também a leitura silenciosa.

No Brasil, o hábito da leitura é distante da maioria da população. De acordo com pesquisa realizada pela FECOMERCIO-RJ, 70%⁷ dos brasileiros não leu um único livro no ano de 2014. As atividades culturais, no geral, ainda são financeiramente inacessíveis para boa parte dos entrevistados.

2.5 O Impresso e o digital

Os debates sobre o futuro do livro impresso são polêmicos, e não são de hoje. Esse debate começou na metade da década de 90, numa época na qual ninguém suspeitava da influência que a tecnologia e a Internet teriam e têm atualmente na vida das pessoas. Com a chegada das “novas” tecnologias e, principalmente, os dispositivos digitais voltados para a leitura, veio à tona a dúvida referente à sobrevivência do livro impresso perante a tecnologia. A respeito desses debates sobre um possível desaparecimento dos livros impressos, Tonnac (2010, p.8) complementa que

⁷ TELES, Lília. **70% dos brasileiros não leram em 2014, diz pesquisa da Fecomercio-RJ**. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2015/04/70-dos-brasileiros-nao-leram-em-2014-diz-pesquisa-da-fecomercio-rj.html>>. Acesso em: 6 abr. 2015.

[. . .] se o livro eletrônico terminar por se impor em detrimento do livro impresso, há poucas razões para que seja capaz de tirá-lo de nossas casas e de nossos hábitos. Portanto, o *e-book* não matará o livro – como Gutenberg e sua genial invenção não suprimiram de um dia para outro o uso dos códices, nem este, o comércio dos rolos de papiros ou *volumina*.

Por outro lado, existem alguns estudiosos que afirmam que a substituição do livro impresso pelo digital ocorrerá em pouco tempo. Shatzkin declara que o livro impresso não deve durar mais do que 15 anos e pode se tornar um item raro. Em declaração ao site da revista Exame, Shatzkin⁸ afirma que os dias do papel estão contados. Outro estudioso que mantém uma opinião similar à de Shatzkin e que não prevê uma coexistência entre o suporte impresso de papel e o suporte digital é o brasileiro Jean Paul Jacob⁹ que afirma para a Revista Exame:

Queremos variar o tamanho dos caracteres, deixar anotações verbais e tudo isso é impossível no livro físico, que chamo de “tinta sobre árvore morta”. O livro digital mantém o conteúdo, que é o que importa e permite todas essas coisas e muito mais. (JACOB, 2010, *online*)

Mesmo com muitas opiniões contrárias à sobrevivência do livro impresso, Darnton (2010, p.14) esclarece que:

A capacidade de resistência do códice à moda antiga ilustra um princípio geral da história da comunicação: uma mídia não toma o lugar de outra, ao menos em curto prazo. A publicação de manuscritos floresceu por muito tempo depois da invenção da prensa móvel por Gutenberg; os jornais não acabaram com o livro impresso; televisão não destruiu o rádio; a internet não fez os telespectadores abandonarem suas tevês. Assim sendo, seria possível que mudanças tecnológicas ofereçam uma mensagem reconfortante de continuidade, apesar da proliferação de novas invenções?

O mesmo autor relaciona a explosão dos meios eletrônicos, que pode ser tão inovadora quanto à invenção dos tipos móveis. Há ainda a dificuldade em nivelar uma

⁸ YANO, Célio. ‘Em 15 anos, livro de papel será objeto exótico’, diz Mike Shatzkin. **Exame**, São Paulo, 16 ago. 2010. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/15-anos-livros-papel-serao-objetos-exoticos-diz-mike-shatzkin-588236>>. Acesso em: 08 de fev 2015.

⁹ _____. Livros digitais e de papel não coexistirão, diz cientista. **Exame**, São Paulo, 6 ago. 2010. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/livros-digitais-papel-nao-coexistirao-diz-cientista-585533>>. Acesso em: 8 fev. 2015.

possível nova maneira de ler, semelhante ao que os leitores do século XV enfrentaram com os textos impressos.

Em entrevista à publicação americana *The New Republic* para Roob (2015), a professora de Linguística da *American University*, Naomi Baron, declarou que os estudantes ainda preferem o livro de papel. Cerca de 300 universitários dos Estados Unidos, Japão, Alemanha e Eslováquia afirmaram que a concentração é melhor no texto impresso do que no digital. Os alunos pesquisados falaram sobre as diferenças de sensações na leitura de *e-books* e papel: “Há realmente um componente físico, tátil, sinestésico na leitura”, explica a professora. Ou ainda, segundo Eco (2003), “[. . .] livros desafiam e aprimoram a memória; não a entorpecem. ”

Há muitos pesquisadores que acreditam que o livro em papel vai durar muito mais que outros suportes que já existiram e que ainda podem ser inventados. Como afirma Darnton (2010, p. 86):

Pense no livro. Sua resistência é extraordinária. Desde a invenção do códice, por volta do nascimento de Cristo, provou-se uma máquina maravilhosa – excelente para transportar informação, cômodo para ser folheado, confortável para ser lido na cama, soberbo para armazenamento e incrivelmente resistente a danos. Não precisa de *upgrade*, *downloads* ou *boots*, não precisa ser acessado, conectado a circuitos ou extraídos de redes. Seu *design* é um prazer para os olhos. Sua forma torna o ato de segurá-lo nas mãos um deleite. E sua conveniência fez dele a ferramenta básica do saber por milhares de anos, mesmo quando precisava ser desenrolado para ser lido (na forma de rolos de papiro, diferentemente do códice, composto de folhas reunidas por encadernação) muito antes de Alexandre, o grande fundar a biblioteca de Alexandria em 332 a.C.

Afirmando que a substituição do livro não ocorrerá do dia para a noite, Campos (1994, p. 223) argumenta:

Nada indica, portanto, que o livro esteja condenado à morte, a curto prazo. Um dia talvez venha a ter sua forma atual substituída por outra, mais prática e mais barata, mais ao gosto de futuras gerações. Mas seguirá sendo o livro, como foi o *codex* em substituição ao *volumen*. Em outra apresentação, de outro jeito, como ainda não podemos corretamente imaginar. Por enquanto, e cremos que por muito tempo, como disse Svend Dahl¹⁰, “o livro continuará com a vantagem de não ser passageiro como os demais meios de comunicação, mas um perdurável depósito de pensamentos e saberes, ações, sentimentos e fantasias da humanidade, sempre disposto a abrir-se de novo. ”

Assim, existirá um tempo de convivência entre os dois tipos de suporte (impresso e digital), ou seja, um não anulará o outro. Porém, segundo Eco (2010, p. 26) o livro tem inimigos e há aqueles que afirmam que “[. . .] os novos meios de informações vão matar o livro. Já se disse que o livro mataria meios de informação mais antigos. ”

Só não devemos esquecer que o “novo” não anula o “antigo”, mas modifica e complementa o que já existe.

¹⁰ DAHL, Svend. **História Del libro**. Madrid, Alianza, 1987.

3 METODOLOGIA

Esse tópico expõe a metodologia a qual foi adotada para a realização desta pesquisa.

3.1 Tipo de Estudo

Esta pesquisa é caracterizada como exploratória e com uma abordagem mista, no caso, quali-quantitativa. A pesquisa exploratória segundo Oliveira (2007, p.65-66) que esclarece que esse tipo de pesquisa tem relação com a capacidade de conceder uma visão geral ao fato ou caso estudado. A mesma autora também informa que essas pesquisas de cunho exploratório são feitas quando o tema é pouco pesquisado na área da Ciências da Informação e quando o tema desenvolvido (suportes de leitura) é mais explorado pela visão das editoras e não de quem utiliza essas ferramentas para leitura. Dessa forma Gil (2010, p.27) afirma que: “Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. ”

Em relação a abordagem da pesquisa foi a escolha da mista (quali-quantitativa) que para Creswell (2010, p.27) é

[. . .] uma abordagem de investigação que combina ou associa as formas qualitativa e quantitativa [. . .]. Por isso, é mais do que uma simples coleta e análise dos dois tipos de dados; envolve também o uso das duas abordagens em conjunto, de modo que a força geral de um estudo seja maior do que a da pesquisa qualitativa ou quantitativa isolada.

Assim, os dados quantitativos auxiliam na análise das informações qualitativas que foram coletadas, também pelo questionário.

3.2 Sujeitos do Estudo

Os sujeitos da pesquisa foram os alunos de graduação do curso de Biblioteconomia da UFRGS matriculados do primeiro até o oitavo semestre do curso. Isso totaliza em torno de 398 alunos, de acordo com contagem feita através do

ordenamento no Portal do Aluno da UFRGS. Porém, não foi possível afirmar quantos estão com matrícula trancada, cancelada ou ativa. Ou seja, em uma população total de 398 (100%) de alunos no curso de Biblioteconomia da UFRGS, a amostra da pesquisa foi de 74 (aproximadamente 20%) alunos responderam ao questionário.

A escolha desse público específico para a aplicação da pesquisa ocorreu por determinados motivos, são eles: o fato da autora da pesquisa conhecer o currículo do curso e por consequência, as disciplinas, e saber do grande volume de leitura que é disponibilizada no decorrer de cada disciplina semestralmente; por uma curiosidade da autora em saber se mais alunos utilizam os diversos suportes de leitura, já que a mesma usou todos os tipos de suporte durante o curso; e, por não haver um debate entre os próprios alunos sobre o assunto.

3.3 Instrumento de Pesquisa para Coleta de Dados

A coleta de dados se realizou através de um questionário (APÊNDICE A) com 15 questões fechadas e múltiplas escolha e 4 questões abertas. Para Silva e Menezes (2001, p.33), o

[. . .] questionário é uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, o questionário deve ser objetivo, limitado em extensão e estar acompanhado de instruções, as instruções devem esclarecer o propósito de sua aplicação, ressaltar a importância da colaboração do informante e facilitar o preenchimento.

Gil (2006, p.2) explica questionário como:

[. . .] a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.

Assim, o questionário para que possa interpretar a realidade observada, necessita ser objetivo e com as suas orientações claras a respeito do seu preenchimento.

A aplicação do questionário concorda com o que com o que Lakatos (2010, p. 184) apresenta sobre as vantagens deste tipo de instrumento que podem ser: economia de tempo e pessoal; alcança uma quantidade maior de pessoas; maior anonimato, por não precisar de identificação do pesquisado e liberdade para responderem, já que não sofrem a influência do pesquisador.

Por outro lado, Gil (2006) observa que o questionário apresenta limitações, como: não tem o auxílio quando uma dúvida surge; não existe uma seriedade das pessoas que preenchem o questionário, podendo até a comprometer a pesquisa; depende da interpretação de cada um sobre as questões, o que pode causar dados sem credibilidade.

O questionário foi elaborado pela realizadora da pesquisa que usou a ferramenta *online* Google Docs¹¹. Por ser uma ferramenta de fácil utilização e cuja sua função de compartilhar documentos *online* é rápida.

3.4 Procedimento de Coleta de Dados

A coleta de dados procedeu em dois momentos. O primeiro momento foi um contato inicial com a ComGrad/BIB¹² - pois é a entidade que possui o contato de todos os alunos do curso de Biblioteconomia - via *e-mail* para saber se tinha a possibilidade de encaminhar aos alunos o *link* que os redirecionava ao questionário no Google Docs para participar da pesquisa. Também, caso houvesse alguma dúvida ou mais explicações sobre o questionário que gostariam de obter antes da aplicação por *e-mail* ou pessoalmente, era possível. Depois de alguns dias de espera, houve a permissão da ComGrad/BIB para o envio do *link* para acesso ao questionário. Junto com uma breve explicação sobre a finalidade da pesquisa; a importância da participação de todos.

O segundo momento da coleta de dados foi a aplicação oficial do questionário que ocorreu entre março e abril de 2015 encaminhado através do *e-mail* da ComGrad/BIB. Como o questionário foi feito em ferramenta *online*, o procedimento

¹¹ É a ferramenta que cria documentos colaborativos e que dá para compartilhar para muitas pessoas ao mesmo tempo. Ficando armazenado no Drive do Gmail.

¹² É a unidade da UFRGS responsável pelo acompanhamento dos discentes durante todo o curso. Grafia da abreviação de acordo com o que apresenta no site: <http://www.ufrgs.br/fabico>.

agilizou o tratamento dos dados obtidos que já eram contabilizados numa planilha do próprio Google Docs, à medida que o questionário era respondido.

3.5 Tratamento de Dados

Os dados obtidos através do questionário proposto foram analisados e comparados com a literatura a fim de reconhecer semelhanças ou relações entre a teoria e as respostas dos sujeitos. Portanto, os dados quantitativos e qualitativos levantados foram apresentados na forma de gráficos para que houvesse um maior entendimento. A elaboração dos gráficos aconteceu através do programa *Office Excel*, na versão 2013.

3.6 Limitações do Estudo

No caso deste estudo, a principal limitação foi que alguns participantes não responderam as questões abertas e, quando responderam, não as levaram a sério, dando qualquer informação não pertinente. Outra limitação, foi a ausência de trabalhos relativos ao assunto e isso dificultou, em parte, a possível completude do referencial teórico.

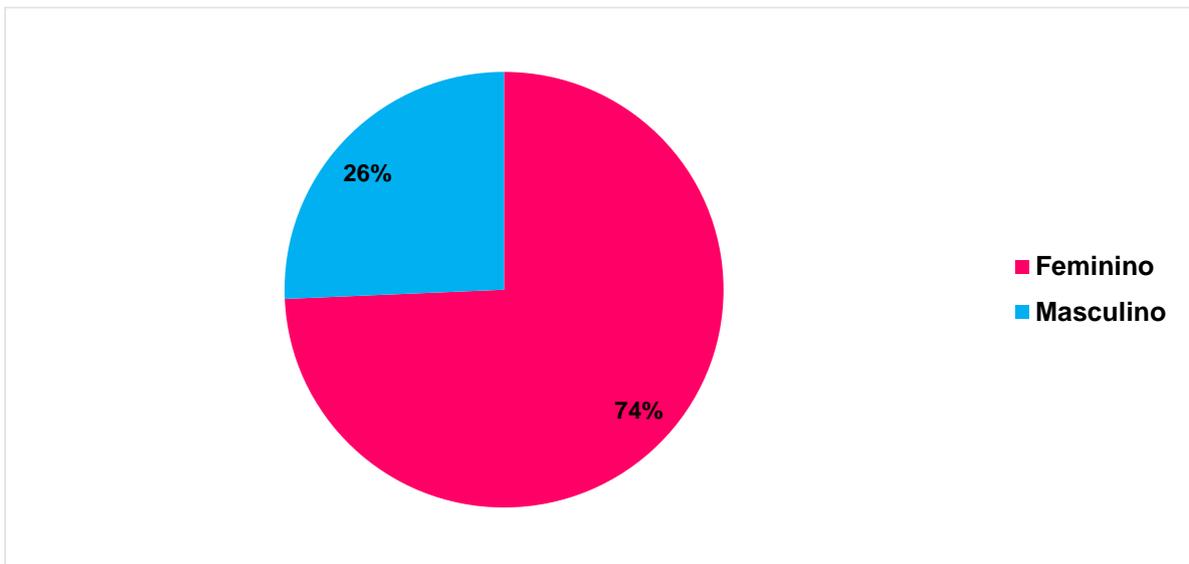
4 ANÁLISE DAS QUESTÕES FECHADAS

Nesse tópico apresentam-se os resultados obtidos após a aplicação do questionário aos alunos da Biblioteconomia da UFRGS (sujeitos do estudo) e foram tabulados e apresentados em forma de gráficos. A partir desses dados foram efetuadas as análises a seguir.

4.1 Perfil dos alunos

Dos 74 alunos que responderam ao questionário 55 eram do sexo feminino (74%) e 19 do sexo masculino (26%), assim o gênero que prevaleceu foi o feminino, como mostra o Gráfico 1. Certamente obteve-se esse resultado porque há uma maior procura pelo curso de Biblioteconomia por parte do sexo feminino, já que é uma área onde ainda prevalece a imagem da mulher como profissional. Porém, é certo afirmar que nos últimos anos houve uma procura elevada de homens no curso, mas ainda não em quantidade equivalente a presença de mulheres no curso.

Gráfico 1 – Gênero dos alunos

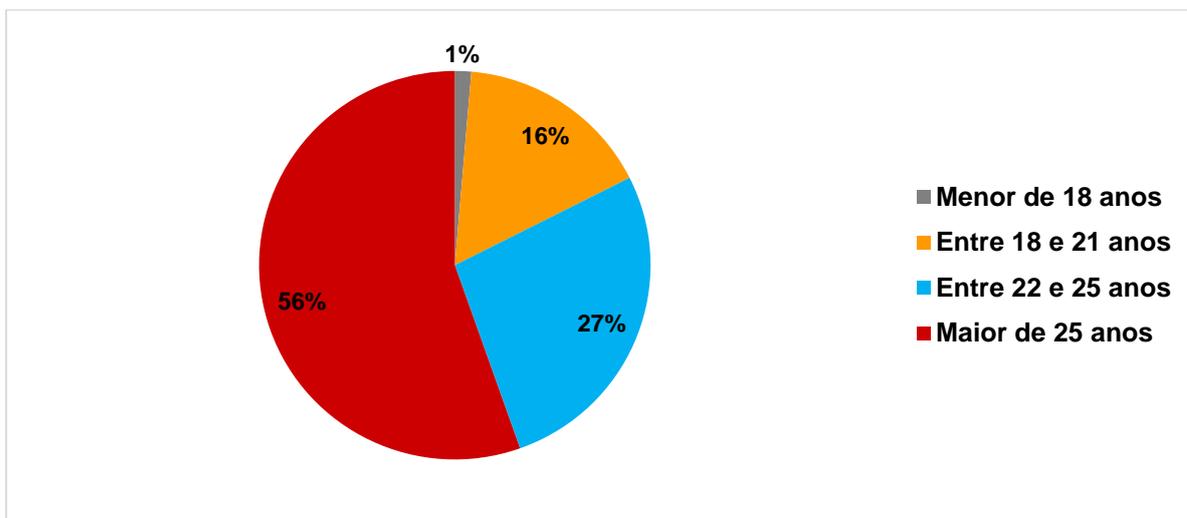


Fonte: Dados da Pesquisa (2015)

Em relação à idade (Gráfico 2 A e B), percebeu-se que a maioria que representa 56% dos alunos participantes tem mais de 25 anos e são mulheres. A porcentagem

de mulheres nos intervalos das idades é superior à porcentagem dos homens. Sendo que até 21 anos não houve alunos homens participando. A partir desses dados podemos considerar que muitos estudantes estão entrando mais tarde na faculdade ou demorando para terminá-lo ou fazem uma outra faculdade e mudam para a Biblioteconomia.

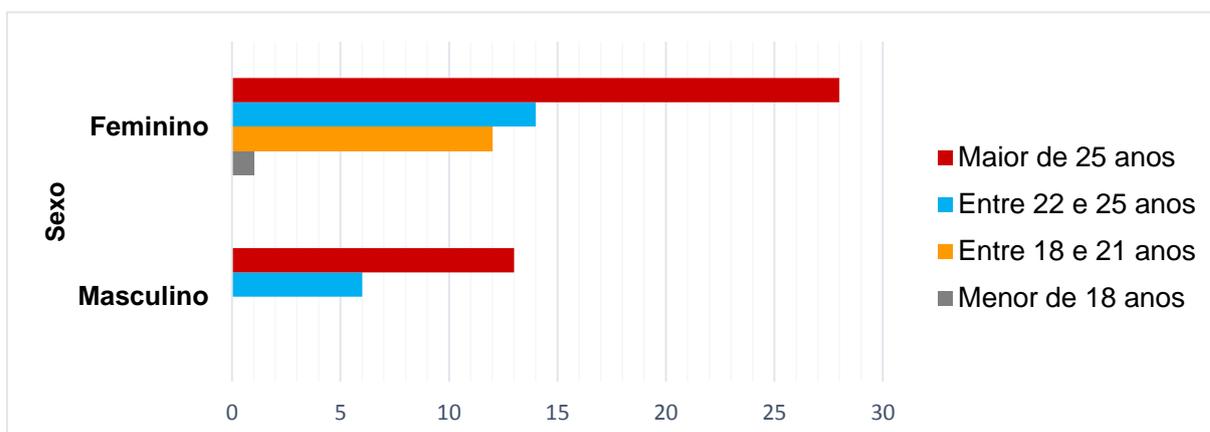
Gráfico 2A – Idade dos Alunos



Fonte: Dados da Pesquisa (2015)

A segunda maior porcentagem foi 27% dos alunos, que têm idades entre 22 e 25 anos, nesta também há prevalência de participantes do sexo feminino. Tanto na categoria de 18 a 21 anos, que teve 16% de resposta, quanto na categoria dos menores de 18 (1%), somente tivemos respondentes mulheres, como indica o Gráfico 2B.

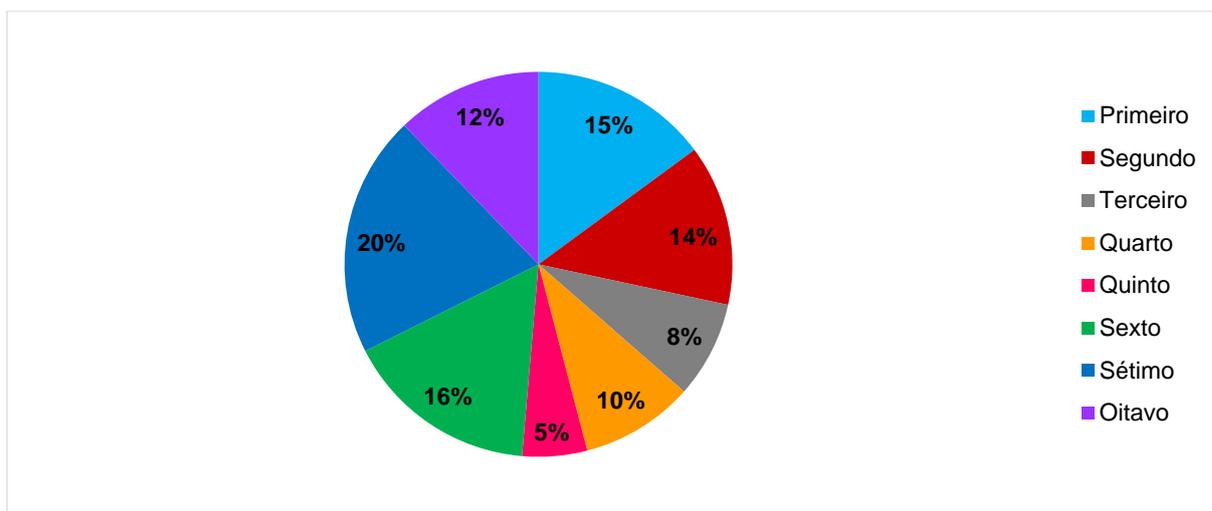
Gráfico 2B – Relação entre Idade e Sexo dos alunos



Fonte: Dados da Pesquisa (2015).

De acordo com o Gráfico 3, dos 74 alunos que responderam ao questionário verificou-se que todos os semestres foram contemplados. O semestre com mais alunos que responderam ao questionário foi o sétimo com 20% e os alunos do quinto semestre (5%) foram os que menos responderam ao questionário.

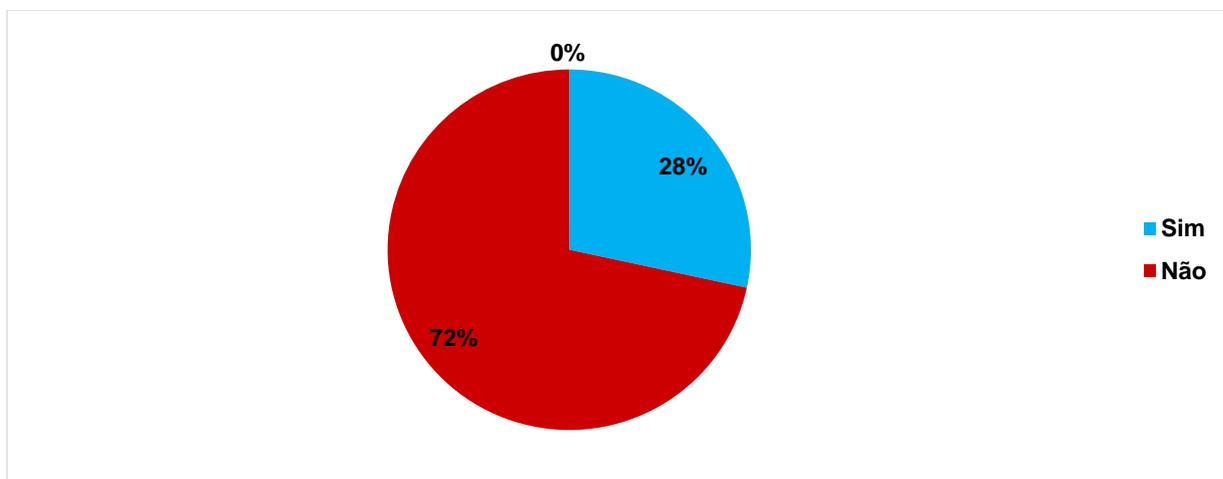
Gráfico 3 – Semestre do Curso



Fonte: Dados da Pesquisa (2015).

O Gráfico 4 corresponde a intenção de saber se os alunos já fizeram outra graduação ou curso técnico. Dentre as repostas, 28% indicaram que sim, já fizeram outra graduação ou curso técnico. E 72% não fizeram outra graduação. No caso de resposta positiva, havia a indicação de colocarem na opção “Outros” do Google Docs, a graduação ou o curso técnico que já tinham realizado.

Gráfico 4 – Outra Graduação Concluída

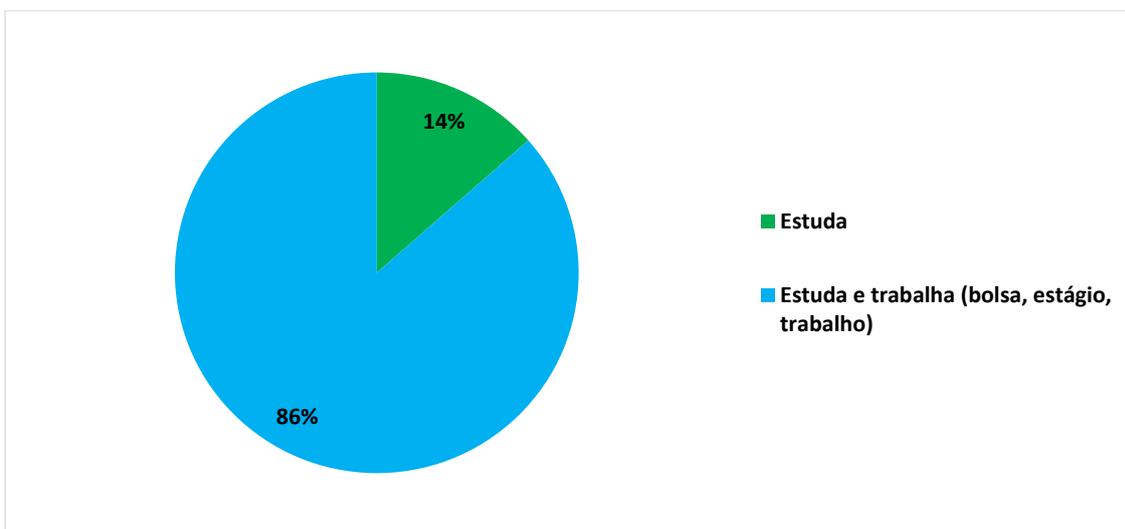


Fonte: Dados da Pesquisa (2015).

A resposta sim foi maior do que a esperada, mas não em relação de graduação, mas aos cursos técnicos. Os outros cursos de graduação já frequentados pelos participantes foram: Engenharia Metalúrgica (incompleto); Jornalismo (incompleto); História; Letras; Ciências Sociais; e Arquivologia. Os cursos técnicos já realizados foram: Técnico em Química; Técnico em Eletrônica; Técnico em Eletrotécnica; Técnico em Biblioteconomia; Técnico em Enfermagem; Técnico em Secretariado; Técnico em Informática. Também ocorreu de participantes que responderam sim, mas não indicaram o que fizeram. Outra ainda apontou que fez Magistério.

O Gráfico 5 mostra que, independente do semestre, a grande maioria (86%) dos alunos da Biblioteconomia tem uma atividade remunerada, que pode ser bolsa, estágio ou trabalho. O restante que é a minoria, apenas estuda. Com isso, as suas leituras dos que tem atividade remunerada, não são realizadas nas mesmas ocasiões de quem só estuda.

Gráfico 5 - Ocupação dos alunos



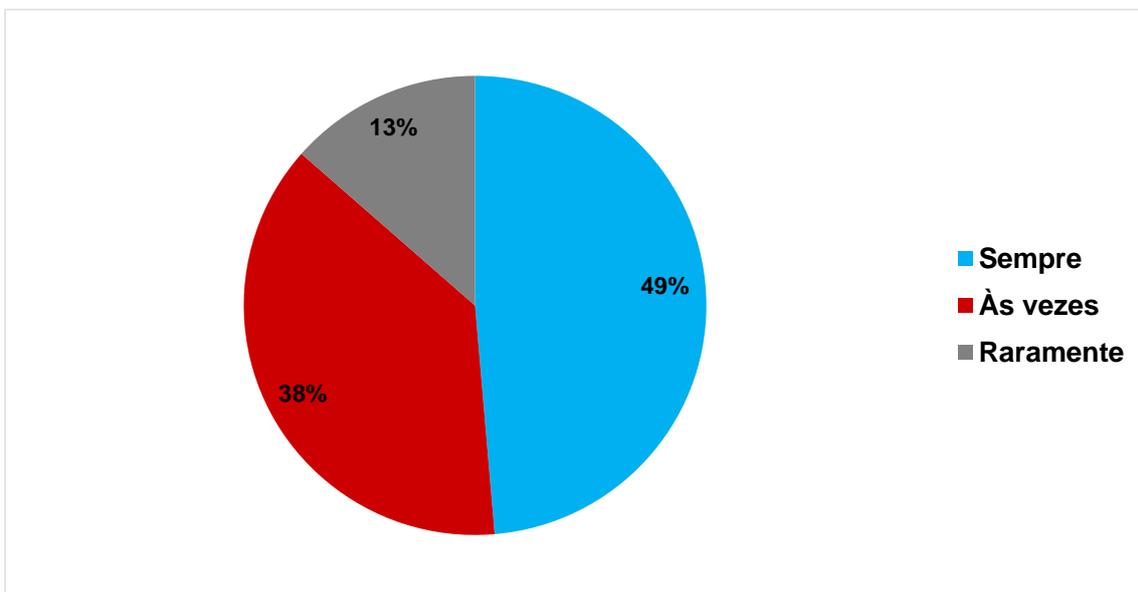
Fonte: Dados da Pesquisa (2015).

4.2 Frequência de leitura no suporte digital e no impresso

Este quesito foi construído com o objetivo de identificar a frequência do uso tanto do suporte digital quanto do impresso e também o tempo de leitura utilizado em cada suporte pelos alunos da Biblioteconomia. Conforme é representado no Gráfico

6, cerca de 49% dos alunos utilizam 'sempre' o suporte digital para realizarem as suas leituras; já 38% dos alunos 'às vezes' realizam suas leituras em suporte digital; e 13% dos alunos responderam que usam 'raramente' o suporte digital.

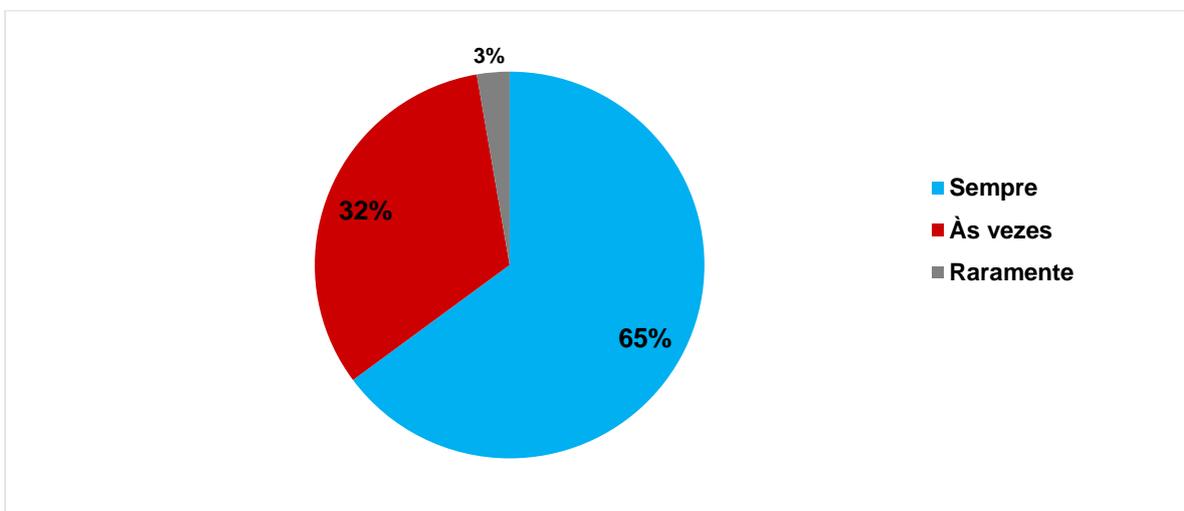
Gráfico 6 – Frequência do Uso de Suporte Digital



Fonte: Dados da Pesquisa (2015).

Já no Gráfico 7 consta que 65% dos alunos do curso indicaram que utilizam 'sempre' o suporte impresso, enquanto 32% utilizam 'às vezes' o suporte impresso para efetuar suas leituras e somente 3% usam 'raramente' o impresso para leitura.

Gráfico 7 – Frequência do Uso de Suporte Impresso

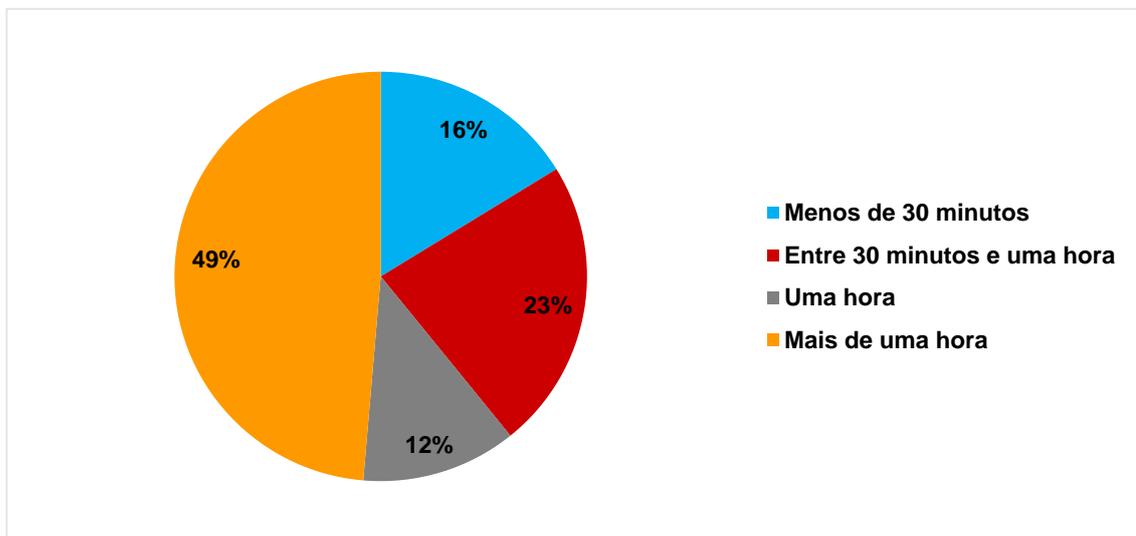


Fonte: Dados da Pesquisa (2015).

Analisando os Gráficos 6 e 7, comprova-se que a frequência do uso do suporte impresso e do suporte digital são praticamente equivalentes, mas também permite entender que o uso de um não anula o uso do outro. Mesmo assim, o uso do suporte impresso ainda é um pouco superior ao uso do digital. Outra observação indicada nesses dois gráficos foi que ambos os suportes (digital e impresso) são utilizados por todos os participantes da pesquisa. Com isso, resultou que o 'nunca' não obteve nenhum dado.

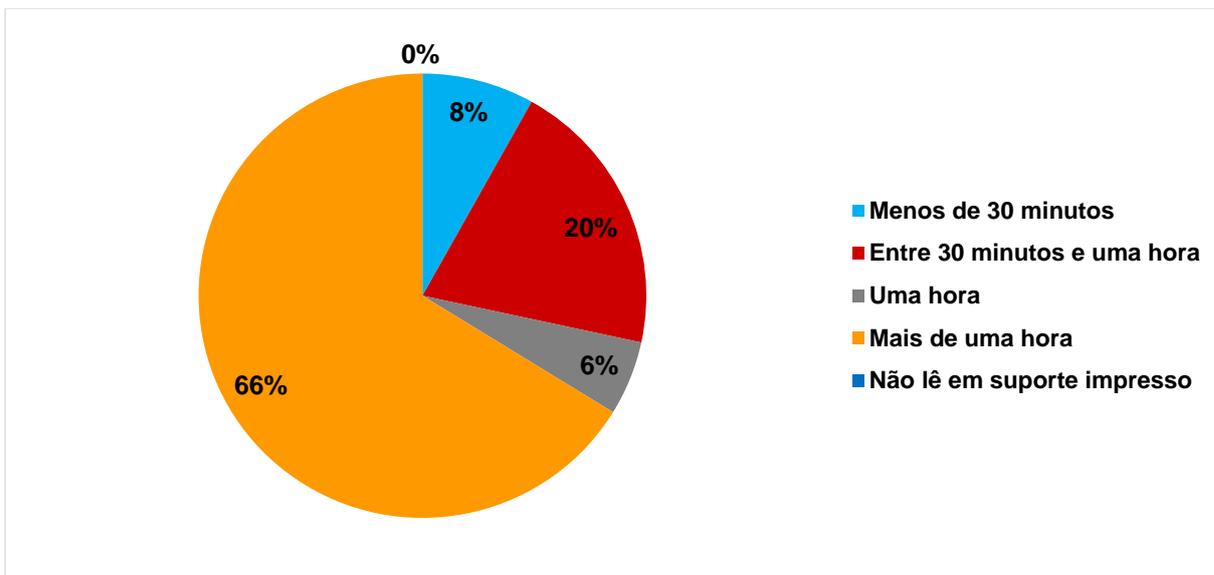
Os Gráficos 8 e 9 são referentes ao tempo diário de leitura investidos em cada suporte pelos alunos. No Gráfico 8, verificou-se que cerca de 49% dos respondentes leem diariamente mais de uma hora em suporte digital; 16% leem menos de 30 minutos no digital; 23% leem entre 30 minutos e uma hora; e 12% leem apenas uma hora no suporte digital.

Gráfico 8 – Tempo de Leitura em Suporte Digital



Fonte: Dados da Pesquisa (2015).

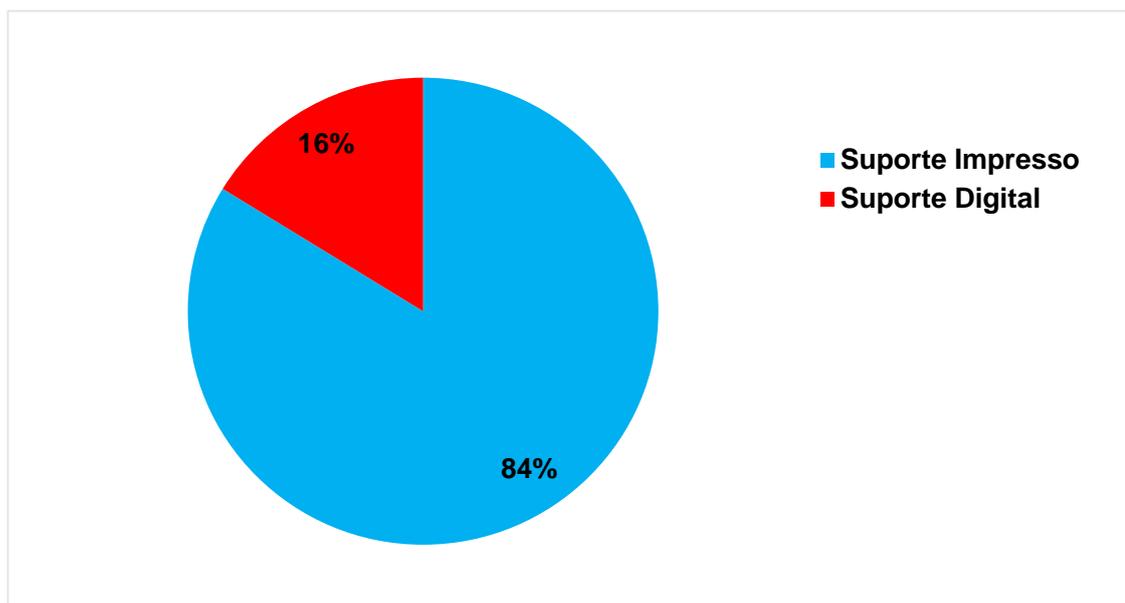
O Gráfico 9 nos permite entender que os alunos passam mais tempo lendo em suporte impresso, pois 66% passam mais de uma hora lendo nesse suporte. Os demais se dividem em 20% que leem entre 30 minutos e uma hora, 8% que passam menos de 30 minutos lendo e cerca de 6% leem exatamente uma hora. Mesmo com o uso do suporte digital muitos ainda recorrem ao tradicional papel para realizar leituras.

Gráfico 9 – Tempo de Leitura em Suporte Impresso

Fonte: Dados de Pesquisa (2015)

4.3 Suporte Impresso *versus* Suporte Digital

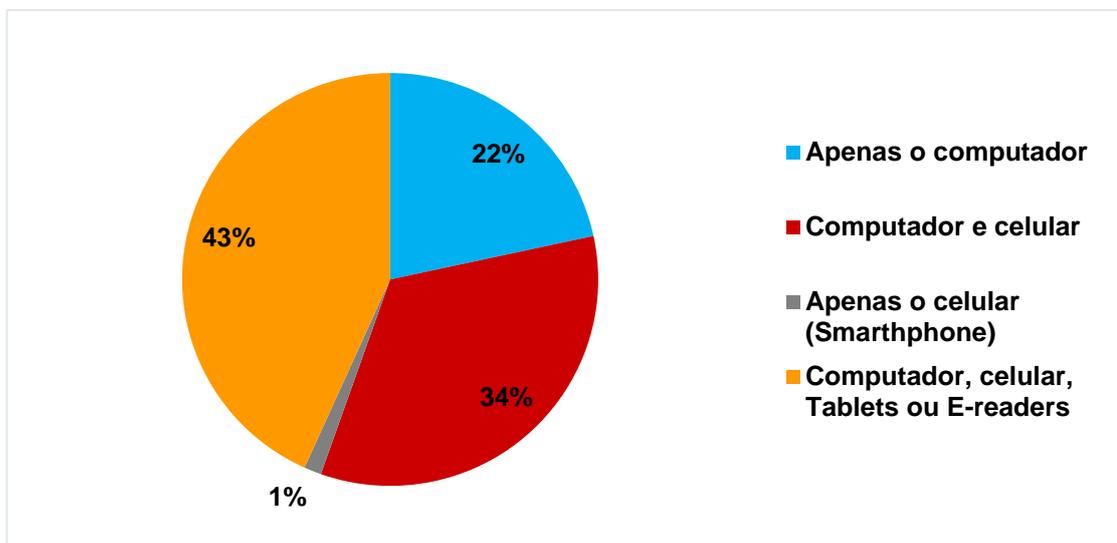
Como constata-se no Gráfico 10, na questão do suporte de leitura favorito entre o suporte impresso e o digital, a grande maioria (84%) elegeu o suporte impresso como preferido.

Gráfico 10 – Suporte de Leitura Favorito

Fonte: Dados da Pesquisa (2015).

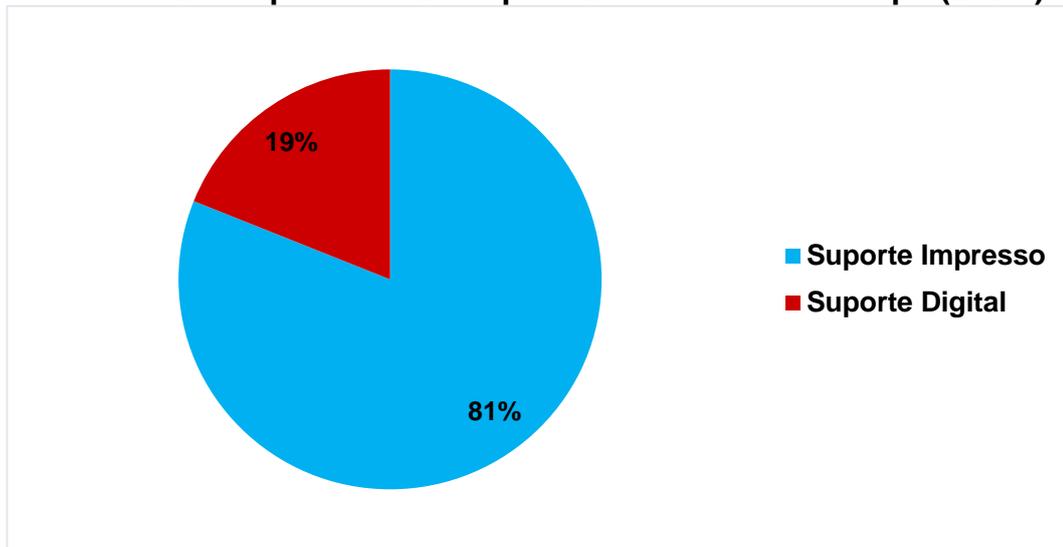
Em relação aos tipos de suporte digital utilizados para leitura (Gráfico 11) pelos alunos, 43% deles alternam o uso entre computador, celular, *Tablets* ou *E-readers*. Porém, muitos usam o computador e o celular (34%) para suas leituras digitais. Uma quantidade significativa 22% usa apenas o computador e só 1% usam apenas o celular. O computador ainda é o suporte digital mais utilizado entre os alunos, mesmo não sendo dentre os suportes o mais portátil deles.

Gráfico 11 – Tipo de Suporte Digital usado para Leitura



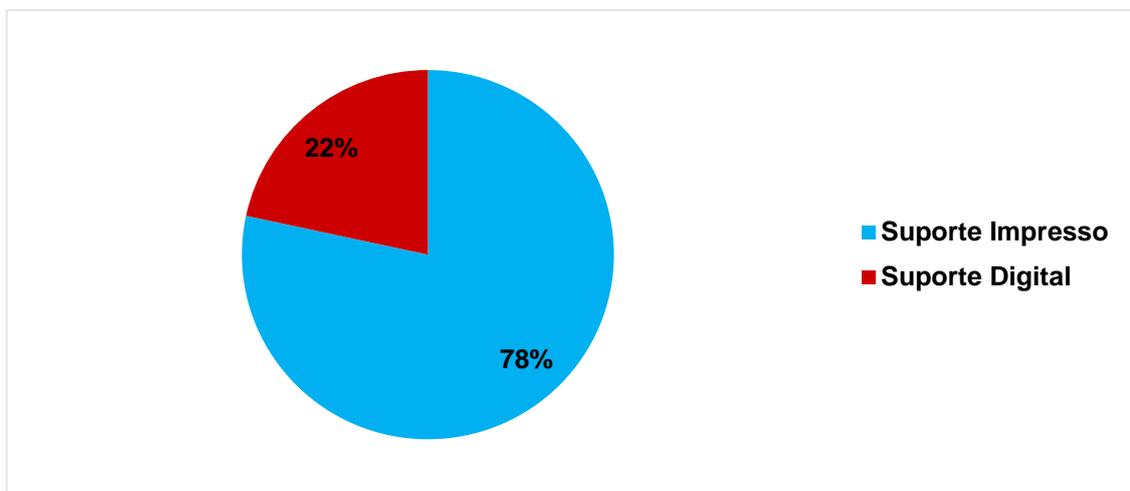
Fonte: Dados da Pesquisa (2015)

Para identificar entre os dois suportes, impresso e digital, as leituras de passatempo (lazer), acadêmica, e informativa (notícias) são realizadas. Conforme indica o Gráfico 12, a maioria dos alunos (81%) prefere praticar suas leituras de passatempo em suporte impresso. Os demais (19%) preferem em suporte digital.

Gráfico 12 – Suporte Utilizado para Leitura de Passatempo (Lazer)

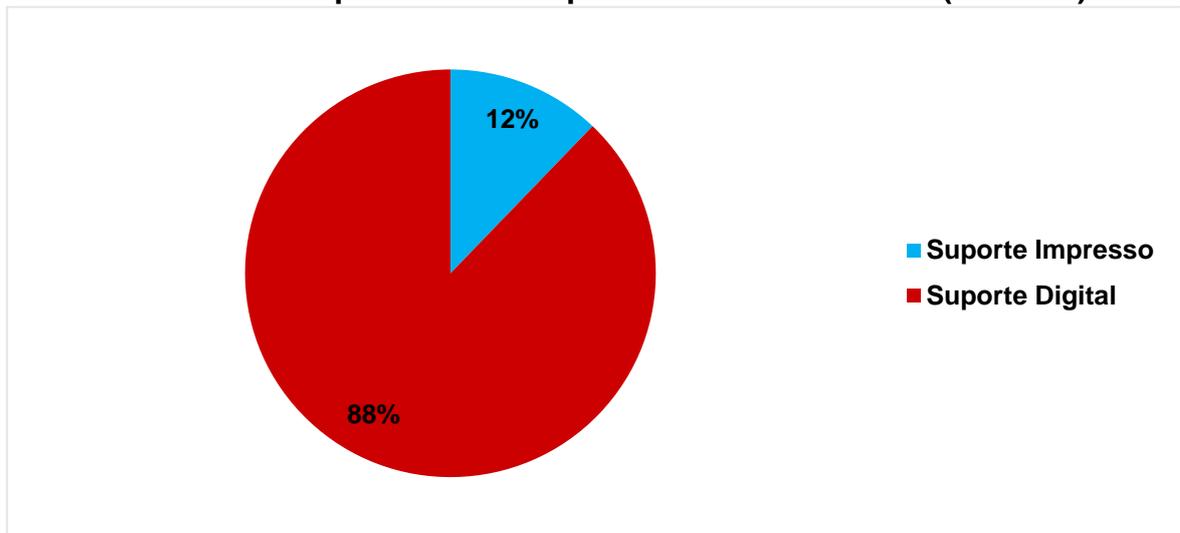
Fonte: Dados da Pesquisa (2015).

Já no Gráfico 13, constata-se que a leitura acadêmica é praticada por 78% em suporte impresso. Em suporte digital essa pratica é feita por 22%.

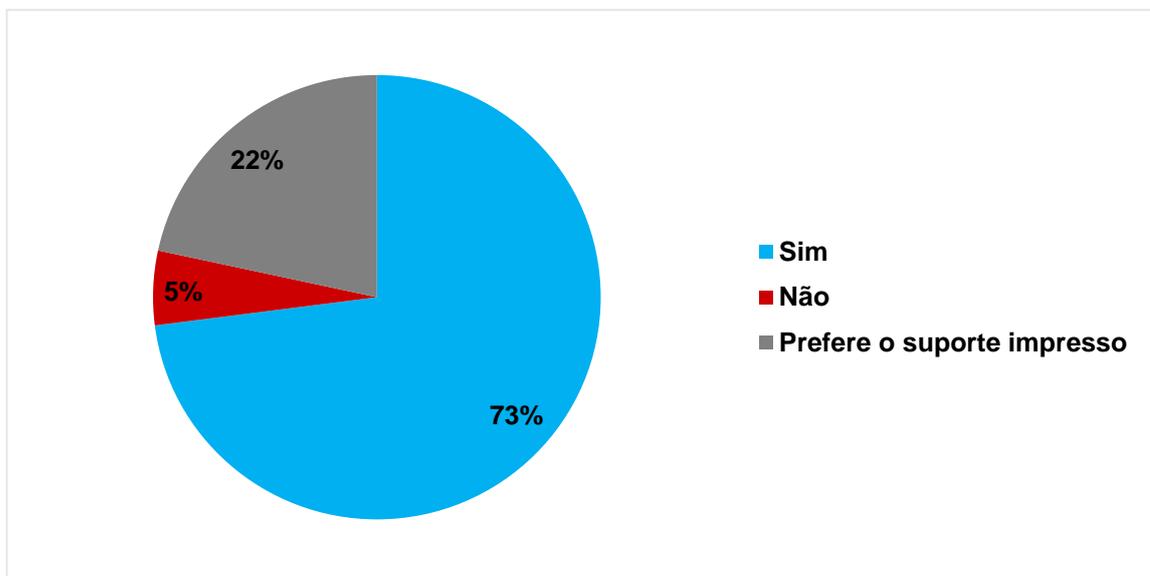
Gráfico 13 – Suporte Utilizado para Leitura Acadêmica

Fonte: Dados da Pesquisa (2015).

A leitura informativa de notícias é preferida por cerca de 88% dos alunos em suporte digital devido à facilidade de conexão que esse suporte tem para o acesso às notícias. Percebe-se que o suporte digital é mais utilizado para informações imediatas, no caso notícias, e não muito longas.

Gráfico 14 – Suporte Utilizado para Leitura Informativa (Notícias)

Fonte: Dados da Pesquisa (2015).

Gráfico 15 - Facilidade no uso de Suporte Digital

Fonte: Dados da Pesquisa (2015).

Com relação a saber se os participantes tinham facilidade em usar o suporte digital, constatou-se que em torno de 73% dos participantes tem facilidade em usar o suporte digital. Apesar disso, há aqueles que preferem o suporte impresso (22%) mesmo sabendo manusear o suporte digital. Somente 5% não tem conhecimento suficiente para utilizar o suporte digital.

5 ANÁLISES DAS QUESTÕES DISSERTATIVAS

O questionário aplicado apresentava 4 questões dissertativas (Apêndice A), correspondentes aos números 16, 17, 18 e 19 que os alunos da Biblioteconomia UFRGS responderam da maneira mais independente; livres para colocarem a sua opinião sobre o que foi perguntado. Levando em conta normas éticas, não foi perguntado o nome dos alunos participantes, em nenhum momento, e a participação não era obrigatória. Dessa forma foi mantida a privacidade e a liberdade de participação de cada um.

Antes da análise mais profunda, acreditava-se que as respostas seriam bem simples e repetitivas por serem questões dissertativas. Normalmente, as respostas não são adequadas ao que foi perguntado ou nem têm respostas. Infelizmente, houve a ocorrência de respostas em branco e de respostas não condizentes às perguntas nessa pesquisa. Contudo, com o retorno, algumas respostas foram até surpreendentes, porque foram bem respondidas e acrescentaram mais ideias próprias do que o esperado.

A seguir a análise das perguntas dissertativas na ordem que foram aplicadas:

A primeira pergunta dissertativa (16) feita para respostas próprias dos alunos foi: “Comparando sua leitura em suporte digital com suporte impresso, quais as VANTAGENS que cada um desses suportes oferece, na sua opinião? ”.

Observou-se através das diversas leituras feitas nas respostas obtidas que as vantagens do suporte impresso, que foi citada/lembrada pela grande maioria dos alunos foram que a leitura nesse suporte permite realizar as próprias anotações, marcações de maneira geral (sublinhar, riscar, rabiscar), com o uso de marca-texto nas passagens que acreditam ser importantes para citar em seus futuros trabalhos; folhear para voltar a ler algo que não foi bem assimilado por eles; facilita quando vão escrever seus próprios resumos; permite maior compreensão, atenção e memorização ao que está sendo lido, dessa forma tendo uma maior atenção a leitura; a leitura realizada no suporte impresso é mais confortável aos olhos, pois não precisa forçá-los tanto por causa da luminosidade que não atrapalha-os e por ser mais confortável aos olhos dá mais facilidade às leituras prolongadas, .

Outras vantagens indicadas pelas respostas foram que as leituras nesse suporte podem ser feitas em qualquer lugar, inclusive em locais públicos, já que não chama atenção ao ser carregado, podendo evitar assaltos. Também foi mencionado

como vantagem, o fato de ser palpável, no sentido de poder sentir o cheiro e poder tocar. Poucas respostas sublinharam o fato de não se precisar de equipamento eletrônico para funcionar; não necessitar de energia elétrica ou de bateria ou de acesso a rede de internet para ser utilizado.

Nessa mesma questão os alunos deveriam escrever sobre quais as vantagens que eles acreditavam que o suporte digital tem em relação ao impresso. Com isso, algumas vantagens apresentadas pelos alunos foram, principalmente, os equipamentos não pesarem como os livros ou uma quantidade excessiva de textos que normalmente um aluno carrega consigo; um fator econômico foi realçado, pela economia em cópias (xerox) e pelo fator ecológico do não desperdício de papel; ou por ocupar espaço apenas na memória do aparelho usado (computador, celular, *tablet's* e *e-readers*), ou seja, o digital tem uma capacidade maior de armazenamento (quantidade de arquivos guardados); praticidade no transporte, pois há uma praticidade para carregar textos, livros entre outros tipos de arquivo e não gera uma "pilha" de papel; facilidade em realizar pesquisas, ao surgimento de dúvidas, que segundo a resposta do respondente 14 relatou "[. . .] quando não entendo algo já abro uma aba para pesquisa e naquele momento entendo o que quer dizer." (2015, dados da pesquisa); e a facilidade ao acesso a informação, essencialmente, em artigos e periódicos acadêmicos e notícias. Houve quem lembrou que com o suporte impresso ainda existe um controle maior em relação ao combate à pirataria e aos direitos autorais. Já com o suporte digital a pirataria é mais fácil de ocorrer e os direitos autorais podem ser burlados com mais facilidade. Uma vantagem do suporte digital vista por poucos foi referente ao preço dos livros digitais que são mais baratos do que os seus exemplares impressos e também não existe o custo para realizar *downloads* de artigos e de livros no geral. A resposta que mais chamou a atenção foi a que comenta que através do impresso tem uma sensação de nostalgia.

A pergunta (17) seguinte era: "Comparando sua leitura em suporte digital com suporte impresso, quais as DESVANTAGENS que cada um desses suportes oferece, na sua opinião?". Pertinente às desvantagens do suporte impresso, as respostas mais expressivas foram que existe um custo elevado da impressão e o uso excessivo de papel para realizar as leituras de textos acadêmicos; o elevado preço dos livros em geral (dos de literatura aos acadêmicos); ocupar muito espaço físico. Outra desvantagem levantada foi referente ao peso que tanto os livros quanto a grande quantidade de textos acadêmicos (cópias) podem ter, causando certa dificuldade no

transporte; uma durabilidade menor devido as intempéries, ao mau acondicionamento, a má conservação. Por outro lado, as desvantagens do suporte digital mencionadas foram desconforto físico, que vão desde sensibilidade nos olhos, causando cansaço aos olhos a dores de cabeça e nas costas; a falta de atenção na leitura, principalmente, quando realizada no computador e no celular, provocando a releitura de trechos ou do todo; a utilização de energia elétrica para carregar a bateria, que quando o aparelho é muito usado a durabilidade dela acaba tendo um tempo menor; e, dependendo do aparelho que se usa existem formatos e programas não compatíveis.

Além disso, também foram apontadas as desvantagens que um ou outro especularam sobre o preço alto para compra do aparelho de acordo com a resposta do respondente 31 [. . .] alguns equipamentos eletrônicos são muito caros e nem todo mundo pode adquirir.". Também consideraram como desvantagem o excesso de informação que o digital oferece, pois com o acesso rápido muita informação não relevante vem com aquela que é relevante.

Mesmo que o suporte impresso e o digital tenham suas singularidades entre si, foi analisado que ainda permanece uma preferência maior pelo suporte impresso para realizarem suas leituras individuais e próprias.

A terceira pergunta (17) foi: "; "Você considera que a experiência universitária modificou à sua maneira de ler? Por quê?". Foi constatado que a grande maioria respondeu que sim pelos mais diversos motivos. Dentre eles: a necessidade de ter que ler nos dois suportes, impresso e digital. Por causa do tamanho do texto e da forma que os mesmos são disponibilizados pelos professores ou a maneira que o texto foi disponibilizado; mudanças nas preferências literárias, pois com o digital conseguem ler periódicos que não são publicados aqui ou que já não têm o seu exemplar impresso, apenas *online*; alguns apontaram que obtiveram na academia maiores conhecimentos e devem ler para estar sempre atualizados sobre os assuntos; a realização de uma leitura mais dinâmica e técnica, devido à quantidade de texto que devem ser lidos em um curto período de tempo; através dessa experiência passaram a ter uma criticidade com o que lê; despertar para leituras nunca praticadas, como a leitura de artigos científicos, teses e dissertações; acessar muitos conteúdos didáticos fora do ambiente universitário; um certo amadurecimento em relação a leitura, por causa das leituras pedidas pelos professores para discussões futuras em aula; e, uma

nova perspectiva na maneira de escrever, pensar, interpretar dados, informações e conteúdo.

Para alguns, essa “nova experiência” de estar no curso não mudou a forma de ler, pois já tinham o hábito de ler e de ler nos dois suportes. Mas para outros ainda não mudou por recém terem entrado no curso. Por outro lado, algo preocupante que foi apontado é que muitos estão lendo só aquilo que é pedido pelos professores e estão perdendo o gosto pela leitura devido a essa obrigatoriedade em ler diariamente, como o respondente 31 que relata “Considero importante e sei dos benefícios da leitura, mas hoje perdi o gosto de ler em virtude da obrigatoriedade de estar sempre lendo para a faculdade.”

A última questão (18): “Você acredita que o suporte digital substituirá, em pouco tempo, o suporte impresso? Por quê? “. Analisou-se que boa parte acredita que não ocorrerá essa substituição pelo menos não em pouco tempo. Muitos comentaram que acontecerá semelhante ao que houve quando surgiu a televisão e o rádio permaneceu; o suporte digital vem em constante alteração e o impresso permanece o mesmo; tem público e demanda para ambos os suportes; existe ainda a barreira ao acesso ao suporte digital (preço); já que o impresso permite muitas experiências prazerosas; a oferta de um produto ideal para leitura digital semelhante ao livro ainda não é idealizado e nem oferecido pelas indústrias tecnológicas; e a tecnologia de modo geral ainda não chegou a todos. Foi lembrando que os dois podem ser perdidos, mas de maneiras diferentes: um o digital pode quebrar a tela e pode parar de funcionar alguma placa e não ter como consertar e depende, e muito, ainda da energia para ter a bateria completa para utilizá-lo. Já outro, o impresso pode molhar, rasgar, entre outras intempéries que o tempo e o espaço podem causar nele. Porém, não perdendo o charme que tem desde o seu surgimento.

Outros acreditam que em alguns tipos de documentos, principalmente, os artigos e periódicos acadêmicos até alguns jornais, podem ser sim substituídos, mas não o livro como ele é conhecido. Alguns acreditam que sim o suporte impresso, será substituído, mas de maneira gradual e de acordo com os avanços tecnológicos que a sociedade necessitar e gerar. Houve aqueles que acreditam na coexistência de ambos por muito tempo, já que o papel sobrevive há centenas de anos. Além do mais, existem as pessoas que não trocam o cheiro de um livro por algo que não é tátil. E a utilização de ambos os suportes ainda acontecem por diversas pessoas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou refletir sobre os impactos do uso dos suportes digitais nas práticas de leitura dos alunos da Biblioteconomia da UFRGS, que se comprovou que as práticas de leituras dos alunos do curso ainda não modificaram muito por causa da tecnologia, mas vem acontecendo de maneira gradual e de acordo com a adaptação de cada aluno. Isso é verificado através dos dados colhidos e com base na análise feita tanto nos dados quantitativos quanto nos qualitativos.

O referencial teórico fez um apanhado sobre a trajetória do livro, desde as tabuletas até o suporte digital, a relação do *e-book* e dos direitos autorais com o uso dos *e-books* como opção de suporte para leitura, pequeno comentário sobre a leitura e sobre os debates da sobrevivência do papel (suporte impresso) na era digital. Porém para alguns assuntos não se encontraram publicações com abordagens diferentes para complementar o referencial. Para o êxito desta pesquisa a abordagem metodológica empregada foi a quali-quantitativa. Com isso, a coleta foi mais precisa, fazendo com que a análise fosse realizada com fidedignidade e cuidado, reduzindo a possibilidade de erros.

Antes da aplicação do questionário não esperava a participação expressiva e contribuição dos alunos por parte da autora. Porém, com a realização da análise aconteceu o que já se esperava, pois algumas perguntas não foram respondidas ou quando respondidas não apresentavam relação com o que foi questionado. A partir da análise foi concluído que o perfil dos respondentes foi, na maioria, do sexo feminino maior de 25 anos e tem uma atividade extra remunerada, fazendo com que as oportunidades para leituras não sejam praticadas ou realizadas nos lugares convencionais, como em um caso citado na pesquisa de leitura realizada em pé em um trem lotado. A frequência e o tempo de uso de cada suporte são bem similares, mas isso muda devido ao tipo de leitura que pode ser realizada neles. Como o digital, que é mais utilizado para aquele tipo de leitura mais imediata, pois é mais rápida. Já a utilização do impresso é voltada para a leitura de passatempo e para estudos no geral.

Quando se pensa em suporte digital na verdade se entende como celulares, *tablets* e *e-readers* por serem aparelhos de fácil transporte. Porém, o computador ainda apareceu como o suporte digital mais usado. Isso ocorre por ser o suporte que pode ser encontrado com mais facilidade em casa ou na faculdade ou no local de

trabalho. No caso dos *tablets* e dos *e-readers*, ainda não são comuns entre os alunos por não serem acessíveis a todos devido ao seu elevado preço e por muitos não saberem utilizar os recursos que eles possam ter, da melhor maneira possível para efetuarem as leituras.

Mesmo que o computador seja o suporte digital que os alunos mais utilizam para suas leituras, o suporte de preferência da grande maioria é o impresso, pois ele traz sensações que o digital ainda não consegue transmitir, como o cheiro, o tato. Aspectos sensoriais que só o suporte impresso (livro) pode trazer, ainda não foi inventado um aparelho digital que consiga trazer certas sensações para o momento de ler. Também, porque existe uma concentração e atenção maior na hora da realização das leituras no impresso, devido a inexistência de interrupções que ocorrem quando o ato de ler é feito no computador ou em outro suporte digital.

A mudança que a experiência universitária trouxe para grande maioria dos alunos não ocorreu na maneira de ler, apenas em uma nova forma para realizar suas leituras dos textos acadêmicos. Porém, mesmo utilizando essa alternativa de suporte de leitura, o impresso ainda é favorito. Por outro lado, essa nova experiência de estar no curso, vem trazendo certa obrigatoriedade para a leitura acadêmica (os textos que devem ser lidos a pedido dos professores). Resultando que muitos estejam deixando os seus gostos pela leitura de lado. Isso é preocupante, pois não estão sentindo mais o prazer de pegar um livro ler, entrar em outro mundo e com isso aliviar a mente para não deixar assuntos ficarem desinteressantes.

Os dois suportes têm suas vantagens e desvantagens, mas o suporte impresso ainda mantém o seu favoritismo em relação ao seu possível sucessor digital. Eles ainda conviverão por muito tempo, juntos um complementando o outro. Retomando a mesma história, de que a televisão não acabou com o rádio ou o cinema substituiu o teatro. Dessa maneira fica claro que caso ocorra uma substituição de suporte, ela não acontecerá nos próximos anos. Caso aconteça não será com o livro, mas sim com outros documentos, como o jornal e os periódicos acadêmicos. A preferência do impresso ainda é grande, mas o digital já tem o seu lugar. Reforçamos que a leitura deve ser estimulada, independente do tipo de suporte, pois ler é o instrumento principal na formação cultural de nossa sociedade.

A colaboração da pesquisa para a Biblioteconomia é que está ligada em trazer uma outra visão sobre o uso dos suportes digitais e de como podemos lidar com uma 'possível substituição' de suporte, do impresso para o digital. Enfim, consideramos

que mais pesquisas sejam realizadas sobre o assunto para que se tenham outras abordagens e novas conclusões.

Independente do suporte, ler é o mais importante.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena H. Nagamine; MICHELETTI, Guaraciaba. Teoria e prática da leitura. In: **Coletânea de textos didáticos**. Componente curricular Leitura e elaboração de textos. Curso de Pedagogia em Serviço. Campina Grande: UEPB, 2002.

BRASIL. **Lei 9610**, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a Legislação sobre Direitos Autorais e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/l9610.htm>. Acesso em: 20 abr.2015

CAMPOS, Arnaldo. **Breve História do Livro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro: do livro ao navegador**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

CONDE, Maria Guedes; MESQUITA, Isabel Chaves Araújo. A Evolução Gráfica do Livro e o Surgimento dos E-books. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 10., 2008, São Luís. **Anais...** São Luís: INTERCOM, 2008. 6 p. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0645-1.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2014.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DARNTON, Robert. **A Questão dos Livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ECO, Umberto. **A Memória Vegetal: e outros escritos bibliofilia**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. Muito Além da Internet. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p. 1-14. 14 dez. 2003.

FURTADO, José Afonso. **O Papel e o Pixel: do impresso ao digital: continuidades e transformações**. Florianópolis: Escritório do Livro, 2006.

GAMA RAMÍREZ, Miguel. **El libro eletrônico em la universidad: testimonios y reflexiones**. México: Colégio Nacional de Bibliotecários; Buenos Aires: Alfagrama, 2006. P.63-98.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2006.

_____. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. **Sociologia da Leitura**. Cotia, Sp: Ateliê Editorial, 2010.

HOUAISS, Antonio. Leitura. In: HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LANGE, Deise Fabiana. **O Impacto da Tecnologia Digital sobre o Direito de Autor e conexos**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1996.

MACHADO, Arlindo. Fim do livro?. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 21, p.201-214, 1994. Maio/ago. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n21/13.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2014.

MARTINS, Wilson. **A Palavra Escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 2. ed. rev. São Paulo: Ática, 1996. 3. ed. il. rev. e atual. São Paulo: Ática, 1998.

MCMURTRIE, Douglas C. **O Livro**: impressão e fabrico. 3.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

MICHAELIS: Dicionário escolar da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2008. 992 p.

NEIBER, Horst. **Do Meio Impresso à Publicação Eletrônico**: efeitos sobre a cultura e a sociedade. Tradução: Raul Oliveira. São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.goethe.de/mmo/priv/1184722-STANDARD.pdf>>. Acesso em: 13 dez 2014.

OLIVEIRA, Analia de. **E-books e leitura digital**: um estudo de caso. 2013. 90 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Ciências da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/88780/000913508.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 28 ago. 2014.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007

PAIVA, Ana Paula Mathias de. **A Aventura do Livro Experimental**. São Paulo: EDUSP, 2010.

PROCÓPIO, Ednei. **O livro na era digital**. São Paulo: Giz Editorial, 2010.

ROBB, Alice. 92 Percent of college students prefer republic reading print books to e-readers. **The New Republic**. Washington D.C., USA, Jan 2015. Disponível em: <<http://www.newrepublic.com/article/120765/naomi-barons-words-onscreen-fate-reading-digital-world>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

SANTOS, Roberta Kerr. A evolução do suporte material, do livro ao e-book: mudanças e impactos ao leitor contemporâneo. **Soletras**, São Gonçalo, n.20, jul./dez. 2010. Disponível em: < <http://www.filologia.org.br/soletras/20/02.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 3.ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

TONNAC, Jean-Philippe. Prefácio. In: CARRIÈRE, Jean Claude; ECO, Umberto. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2010. p.7-14.

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DA
BIBLIOTECONOMIA DA UFRGS**

IMPRESSO x DIGITAL

A pesquisa tem como finalidade saber sobre a preferência da utilização dos suportes impresso e/ou digital para a realização da leitura dos alunos do curso de Biblioteconomia da UFRGS. Sua participação e contribuição são essenciais.

1 Idade:

- Menor de 18 anos
- Entre 18 e 21 anos
- Entre 22 e 25 anos
- Maior de 25 anos

2 Sexo:

- Feminino
- Masculino

3 Semestre (de acordo como ordenamento):

- Primeiro semestre
- Segundo semestre
- Terceiro semestre
- Quarto semestre
- Quinto semestre
- Sexto semestre
- Sétimo semestre
- Oitavo semestre

4 Já fez outra graduação?

- Sim
- Se sim, qual? _____
- Não

5 Ocupação:

- Estuda
- Estuda e trabalha (bolsa, estágio, trabalho)

6 Com que frequência você utiliza suportes digitais para leitura?

- Sempre
- Às vezes
- Raramente
- Nunca

7 E para suporte impresso?

- Sempre
- Às vezes
- Raramente
- Nunca

8 Quanto tempo por dia você usa para leitura em formato (suporte) digital?

- Menos de 30 minutos
- Entre 30 minutos e uma hora
- Uma hora
- Mais de uma hora
- Não lê em suporte digital

9 E para formato (suporte) impresso?

- Menos de 30 minutos
- Entre 30 minutos e uma hora
- Uma hora
- Mais de uma hora
- Não lê em formato impresso

10 Qual é o seu tipo de suporte para leitura favorito?

- Suporte Impresso
- Suporte Digital

11 Quais são os tipos de suporte digital voltado para leitura que você usa?

- Apenas o computador

- Computador e celular
- Apenas o celular (*smartphone*)
- Computador, celular, *Tablets* ou *E-readers*
- Não utiliza nenhum suporte digital

12 Quando a leitura é voltada para estudo, que suporte você prefere?

- Suporte Impresso
- Suporte Digital

13 Quando a leitura é voltada para manter-se informado (notícias), qual suporte você prefere?

- Suporte Impresso
- Suporte Digital

14 Quando a leitura é voltada para o lazer, qual suporte você prefere?

- Suporte Impresso
- Suporte Digital

15 Você tem facilidade em utilizar os suportes digitais de leitura (computadores, *tablets*, *e-readers*, celulares/*smartphones*)?

- Sim
- Não
- Prefere o suporte impresso

16 Comparando sua leitura em suporte digital com suporte impresso, quais as VANTAGENS que cada um desses suportes oferece, na sua opinião?

17 Comparando sua leitura em suporte digital com suporte impresso, quais as DESVANTAGENS que cada um desses suportes oferece, na sua opinião?

18 Você considera que a experiência universitária modificou à sua maneira de ler? Por quê?

19 Você acredita o suporte digital substituirá, em pouco tempo, o suporte impresso? Por quê?
